

LOCATIVOS, FÓRICOS, ARTICULADORES DISCURSIVOS E CONJUNÇÕES NO PORTUGUÊS MEDIEVAL

Gramaticalização de *ende/en* e de *porende/porém*

Célia Maria Moraes de Castilho

RESUMO: Este trabalho é parte de uma investigação maior, na qual trato das conseqüências do processo de redobrimento sintático na gramática do Português Medieval. Apresento inicialmente os diferentes tipos de redobrimento sintático: redobrimento por repetição, por topicalização, redobrimento dos pronomes pessoais, possessivos, demonstrativos, locativos e temporais, redobrimento por repetição de quantificadores e de oplementizadores. A seguir, concentro a atenção nos efeitos do redobrimento sobre a gramaticalização de Latim *inde* > Port. Med. *ende*, palavra que operou nos primeiros textos da língua como constituinte oracional, articulador discursivo e introdutor de tópico, e finalmente já no Português Contemporâneo como parte da conjunção contrajuntiva *porém*.

Palavras-chave: Lingüística Histórica do Português, Português Medieval, Redobrimento sintático. Gramaticalização, Argumentos e adjuntos, Articulador Discursivo, Introdutor de Tópico, Conjunção contrajuntiva.

INTRODUÇÃO

Pesquisadores do Projeto de Gramática do Português Falado identificaram e descreveram articuladores discursivos tais como *agora, então, aí, daí*: Risso (1993, 1996), Risso; Silva; Urbano (1996). Anteriormente a eles, Fávero; Koch (1983, 1986) e Koch (1987, 1989a, b) tinham investigado os conetivos textuais e o valor argumentativo das conjunções

embora, mas, entre outras. Os itens estudados são derivados etimologicamente de dêiticos locativos (*aí, daí*), dêiticos temporais (*agora, então*), advérbios (*mas*) ou sintagmas preposicionados (*embora*), os quais passaram por diferentes processos de gramaticalização.

Os mais diversos textos da primeira fase do Português Medieval (=PM),¹ sobretudo os poéticos, oferecem rica documentação sobre os advérbios locativos *ende* (e sua variante *en*), e *hi* (e sua variante *desi*), os quais eram empregados igualmente como articuladores discursivos. *Ende*, em sua forma preposicionada *porém*, deu origem a uma nova conjunção contrajuntiva no Português Contemporâneo.²

A descoberta dessas semelhanças me levou a estudar estes itens, compondo assim uma de minhas provas de qualificação para o Doutorado em Linguística na Unicamp, sob a orientação da Profa. Dra. Ingedore G. V. Koch. Surpreende observar que em duas sincronias extremas – o primeiro período do Português Arcaico e a fase contemporânea do Português Falado culto – a língua jogou e continua jogando com os mesmos mecanismos sintáticos e semânticos desencadeados por suas necessidades discursivas: (i) o pré-requisito de que o item seja um dêitico e um fórico, (ii) sofra o processo de redobrimento sintático e (iii) seja preposicionado.

Este trabalho se apóia em vários textos do PM, o que faz dele um estudo de caráter diacrônico. O *objetivo* é mostrar como pode ser a trajetória de um pronome locativo, no caso o pronome *ende*, que começa como um constituinte oracional, assume papéis textuais de articulador discursivo, até se transformar numa conjunção, muitas vezes correlacionada com outras conjunções. Neste particular, *ende* teve uma trajetória exemplar, caminhando de item lexical para palavra gramatical. Minha *hipótese* é de que na fase de romance do português havia um número muito grande de conjunções correlatas, as

¹ Acolhi aqui a divisão do Português Medieval feita por Rosa Virgínia, que divide esse período em duas fases: a primeira, que vai desde o aparecimento dos primeiros textos portugueses escritos até por volta de 1390, e a segunda, que começa por volta de 1400 e vai até 1540, aproximadamente.

² Os advérbios locativos *ende/en* e *hi* serão considerados neste trabalho como pronomes.

quais, com o passar do tempo, foram perdendo esse traço, apresentando-se atualmente como conjunções simples. O redobramento e o preposicionamento desse locativo tiveram um papel central nas alterações constatadas.

No item 1, defino o fenômeno do redobramento sintático, apresentando abundante comprovação empírica de sua presença no PM. No item 2, trato da origem e da gramaticalização de *ende*, mostrando sua difusão ibérica. No item 3, estudo a forma simples desse item como constituinte da sentença. No item 4, estudo sua forma redobrada e preposicionada na qualidade de articulador discursivo. Finalmente, no item 5, mostro como, preposicionada, a forma *ende* deu origem à conjunção contrajuntiva *porém*. As conclusões e referências bibliográficas fecham o texto.

1 O REDOBRAMENTO SINTÁTICO

A leitura dos primeiros textos medievais portugueses mostra uma freqüentíssima ocorrência de estruturas redobradas, entre elas as de locativo redobrado, o que me levou a refletir sobre os diferentes usos do locativo *ende*.

Mas o que é o redobramento, seja no domínio das relações sintáticas, seja no domínio das relações textuais?

Vamos admitir que as relações entre as classes possam ser descritas em termos das dependências sintáticas geradas entre elas. Indo por aqui, teríamos três tipos de relações: a de independência (= coordenação), em que um constituinte oracional não é dominado por outro, dependência (= subordinação), em que ocorre esse domínio, e interdependência (= correlação), em que a relação aparece duplamente articulada. Estas questões estão bem discutidas na literatura.

O redobramento tem seu ninho na relação de *interdependência*, esta nem tão estudada assim em nossas gramáticas e manuais de sintaxe. Vou defini-la assim: uma dada classe X sempre co-ocorre com uma classe Y, de tal sorte que, ocorrendo X, obrigatoriamente

co-ocorrerá Y. X e Y integram classes distintas, mas desempenham na maior parte das vezes uma mesma função. Isso significa que nos enunciados redobrados ou correlatos uma dada função é preenchida mais de uma vez, fenômeno que a gramática tradicional rotula de “anfilogismo”. Em suma, redobrimento e correlação correspondem a nomes diferentes para um mesmo fenômeno.

O redobrimento se manifesta por meio de recursos sintáticos muito variados, e por isso mesmo nem sempre nos damos conta de que estamos diante de um mesmo fenômeno. Admitirei que as seguintes estruturas manifestam o redobrimento sintático, com maior ou menor visibilidade:

X = sintagma nominal (SN), sintagma preposicionado (SP)/Y = SN, SP: redobrimento por repetição.

X = construção de tópico/Y = pronome resumptivo: redobrimento por topicalização.

X = pronome pessoal, possessivo, demonstrativo/Y = SP: redobrimento de clíticos pessoais e de outros pronomes.

X = pronome circunstancial locativo, temporal/Y = SP: redobrimento de clíticos locativos e temporais.

X = advérbio de negação/Y = advérbio de negação: redobrimento da negação.

X = quantificador/Y = quantificador: redobrimento de quantificadores.

X = complementizador/Y = complementizador: redobrimento de complementizadores.

Nos itens a seguir, examinarei brevemente as estruturas acima.

1.1 Redobrimento por repetição

A manifestação mais evidente da correlação é a repetição das mesmas classes, situação em que $X = Y$. Os estudos recentes sobre a

língua falada se concentraram nesse processo, mostrando sua importância na organização do texto falado: Koch (1990, 1992), Braga (1990), Marcuschi (1992), entre outros. Embora pouco frequentes no português medieval, temos casos de correlação por repetição da mesma classe:

(1) Sintagma verbal (SV), SN ou SP repetidos

- (a) [XV LM 16:8] [...]: ora **ueede se** o ueer que he o mais principal sentido, porque o entender filha com este mais prazer, **ueede se** quando for anoiado, **se** o pode perder, em ueer muytos caualeiros, e escudeiros muy bem encaualgados de bõos cauallos, e outrosi uestidos como compre pera tal mister, [...]
- (b) [XIII FR 187:1] E outrosy **mandamos que** nenhuu iuramento que ome fezer per força subre qual cousa quer ou per medo de seu corpo ou de seu auer perder, **mandamos que** nõ uallya.
- (c) [XIII FR 234:4] E outrosy **mandamos que** seya de todo ome que seya dado pera iustiçar ou que lhy seya demandado alguma cousa per que aya de seer iusticado, e el rey deua auer todo o seu ou parte del, mandamos que nõ possa dõar nada per que al rey mingue nada do seu que deue a auer ou outro senhur qual quer que o deua auer.
- (d) [XIII FR 266:26] Todo uinheyro que guardar uinhas se alguu entrar ennas uinhas e fezer dano, **o vinheyro** tomelhy penhores e sse sse deffender e der apelidos e aos primeyros que chegarem diga como fez dano enha uinha ou iure o uñheyro como lhy fez dano e peytelhy o dano cū todo o couto assy como é foro posto.
- (e) [XV LM 203:19] Ca dizem os logicos que **toda proposiçom que he posta**, se a sua definiçom nom he direita determinaçom, que **toda a proposiçom** nom ual nenhũa cousa [...]
- (f) [XIII:1283 HGP 77:30] [...]; e dou uos y demais a uos sobreditos e a uosos fillos e a uosos netos todalas pesqueyras que som feitas e quamtas mays y poderdes fazer in este foro e in este termio de suso dito que as fazades e que dedes delas sempre áo moesteyro iam dito per seu máórdomo méo e dizemo do pescado que y filarẽ; e se peruẽtura **ĩ este foro** quiserdes fazer casas **in este foro sobredito** e morar in elas fazerdelas e nõ uos séer refertado do móésteyro.

1.2 Redobramento por topicalização

As repetições estão na base do redobramento sintático. Entretanto, basta mover o SN ou o SP para a esquerda e retomá-lo por

um clítico pessoal para que ingressemos no redobramento por topicalização. As diferentes funções do SN/SP nos levam às construções de tópico de sujeito, de objeto direto, de objeto indireto e de adjunto, abaixo exemplificadas.

(2) Redobramento da Construção de Tópico sujeito

- (a) [XIII CSM1 144:15] *Ca Deus en ssi meesmo, ele mingua non á, / nen fame nen sede nen frio nunca ja, / [...]*
- (b) [XIV CGE2 17: 15] *Mas o grande Hercolles (...) este foy muy grãde, muy ligeiro, muy valente mais que outro homem.*

(2') Redobramento de CT objeto direto

- (a) [XIII:1254 IDD 31:27] *It? a aldeya de Gaton trage a por onrra Ffernam Oanes de Gaton da freeguesia de San Oane.*
- (b) [VX LM 28: 18] *E esto nom o queremos mais dizer, porque todos sabem, que he assi como nos dizemos.*

(2'') Redobramento de CT objeto indireto

- (a) [XV VS 50: 24] *E a alma estando em tanto prazer disse-lhe o angeo...*
- (b) [XV VPA1 95:4] *Sam Filipo, estando em Samaria (...) disse-lhe o angio de Nostro Senhor...*

(2''') Redobramento de CT oblíquo e adjunto

- (a) [XIII CSM1 43:22] *[...] ca o demo no seu coração / metera y tan grand' erigia, / que per ren non podia mayor*
- (b) [XIV LLD 122:22] *E esta dona Violante Sanches casou com ela o conde dom Martim Gil de Portugal, [...]*

Os exemplos acima nos mostram muitas coisas. Primeiramente, essas estruturas surgiram para atender a uma necessidade discursiva, bem caracterizada na literatura aqui mencionada, mediante alteração no esquema da repetição, altamente freqüente na conversação.

Em segundo lugar, eles apontam para uma origem muito antiga das Construções de Tópico, consideradas na literatura mais recente uma das marcas de uma emergente gramática do Português Brasileiro. Em Moraes de Castilho (1998, 2001) tratei mais extensivamente da topicalização, mostrando a ocorrência dessa e de outras construções “brasileiras” em documentos quatrocentistas. Quanto às CTs, provavelmente será necessário recuar essa data para a primeira fase do PM.

1.3 Redobramento por duplicação de pronomes pessoais clíticos, possessivos e demonstrativos

(3) Duplicação de pronomes pessoais clíticos, pronomes possessivos e demonstrativos

- (a) [XIII SG 325:8][...] *e entom aguilharom mais de X a Paramades e matorom-lhe o cavalo e chagarom-no a el de muitas chagas.* [duplicação do clítico acusativo]
- (b) [XV CDP 276:25][...] *se este he o seu filho Joane de que me a mim alguuas vezes fallarom.* [duplicação do clítico dativo]
- (c) [XIII CSM1 LXI:8] *Tan grand' [é] a sa merçee | da Virgen e sa bondade, / que sequer nas beschas mudas | demostra sa piadade.* [duplicação do possessivo]
- (d) [XIII CSM1 XXXII:4] *Tanto, se Deus me perdon, / son da Virgen connoçadas / sas merçees, que quinnon / queren end' as bestias mudas. //*
- (e) [XIII DSG 9:35] *E o monge Libertino outrossi deitou-se ante os pees de seu abade e disse-lhi que aquele mal que el recebera non fora per sa crueza do abade, mais fora per sa culpa del mesmo.*
- (f) [XIII FR 129:6] [...], *assy a maldade dos que sô endurados e perfyosos en fazerlhys mal non lha poden toller senõ per grauer p?as, ca o diz a Escripura que o sandeu en sandice guisesse de seer cordo que non suffra pea.* [duplicação do demonstrativo neutro]

Em Moraes de Castilho (2000) descrevi com detalhe o redobramento dos clíticos pessoais no PM.

1.4 Redobramento por duplicação de pronomes circunstanciais locativos e temporais

(4) Locativos e temporais redobrados

- (a) [XIII HGP 77:20] [...] *e que dedes ende i cada ano áo moesteyro de Chouzã per seu maordomo meadade de uino no lagar e meadade de todo pam que y lauorades na eyra*
- (b) [XIII HGP 77:20] [...] *e que dedes ende i cada ano áo moesteyro de Chouzã per seu maordomo meadade de uino no lagar e meadade de todo pam que y lauorades na eyra.*
- (c) [XIII FR 167:10] *Outrosy dementres que for en corte del rey, des aquel dya que se en partir de sa casa por todo huu dia seya y seguro (E) el con todas sas cousas, assy como é subretido, [...]*
- (d) [XIII CSM2 131:11] *E disse: “Ay, Groriosa, / a mia ovella me dá, / ca tu **end’** es poderosa **de o fazer.**”* [duplicação do locativo/partitivo *ende*]
- (e) [XIV LLCP 138:10] *E por esta mortiindade, que i foi tamanha que as pedras e o campo foi todo vermelho, poserom-lhe nome ao campo o campo de Arguriega, que tanto quer dizer por seu linguagem de vasconço, como pedras vermelhas pelo nosso; e hoje em este dia assi ha nome.* [duplicação do circunstancial de tempo]
- (f) [XVI BD 21:2] [...] *que nom há i alguu que leixar casas e irmãos ou padre ou madre ou herdades, que nom receba cem-tanto **agora em este tempo**, e depois haverá vida perdurável.* [duplicação do circunstancial de tempo]

Em Moraes de Castilho (2003) trato mais extensivamente do redobramento do locativo *hi*, exemplificado em (4a-b), mostrando as consequências do redobramento desse locativo no surgimento das perífrases de *estar* + gerúndio/infinitivo preposicionado no português.

1.5 Redobramento da negação

(5) Advérbio de negação redobrado

- (a) [XIII CSM1 193:12] *Enton cuidei logo como me partisse / daquela terra que **neun non** me visse, / [...]*

- (b) [XIII SG 4:10] [...] *que nom podia de maior seer e via tam pobre festa e tam pequena lediça em sua cavallaria nem el **nom** no podia **ja mais** cuidar que podesse vir a tam gram cousa como pois veeo.*
- (c) [XIII SG 123:1] *E em seendo tam mal treito ca ja mais nom cuidava a filhar armas, se Deos nom posesse sobre elle mão, quando Calogrenac vio que se combatia com seu irmão, ouve gram pesar; ca se Calogrenac matasse seu irmão ante elle **nunca jamais** seria ledo, tanto o amava de coraçom.*
- (d) [XIII SG 123:9] *E atendeo tanto que Calogrenac ouve a pior da batalha, ca muito era Lionel ardido e arrizado, e Calogrenac avia ja assi seu elmo metudo em peças e seu scudo e sua loriga que nom atendia ja se morte nom; e tanto perdera ja do sangue que **nom** podia **ja** estar.*
- (e) [XIII SG 125:8] *“Ora me dizede o que i faça, irmão”, disse Boorz; “eu **nom** posso aqui **mais** star, mas vos ficade. [...]”*
- (f) [XIII SG 129:17] *E eu **nom** posso **ja mais** star aqui, ca ves aqui Persival, o bem aventurado e gl[o]rioso que te vem aqui buscar ora e veer”*
- (g) [XV VS 39:21] *Ay senhor **nũca** te vy **senõ** agora quando ou / vy tua voz muy saborosa.*
- (h) [XV VS 57:41] *E **nunca** abriã a porta / **sse nom** quando viinha alguũ monge por algũa cousa neçessaria.*
- (i) [XIII-XIV CA 163:18] *Pero faça como quiser’, / ca sempre a eu servirei, / e quando a negar poder’, / todavia negá-la-ei; / ca eu ç por quẽ ei a dizer / o por que m’ ajan de saber / quan gran sandece comecei, // E de que me **non** á quitar / nulla cousa, **se** morte **non**? /*

1.6 Redobramento de quantificadores

(6) Quantificadores redobrados

- (a) [XV VS 47:29] *E o ango rrespondeo aguardemos e veerás a cabo de pouco foy a casa tam escura e **quantos** estavã em ella **todos** (se) tornarom tristes.*
- (b) [XV VS 34:31] *Oo meu senhor / **tudo quanto** queres fazer **todo** fazes asy nos ceeos co / mo na terra e en no mar eẽ nos avisos e nõ ha hy cou/sa que possa contradizer aa tua vôtade eẽ ty e de ti e por / ty som todalas cousas feytas e sem ty nõ ha hy ne / nhũa cousa.*
- (c) [XV VS 47:19] *E **quantos** estavã em aquella casa **todos** ficavã os joelhos ante aquell rrey e diziã hũu vesso do psalteiro / que diz asy.*
- (d) [XV VS 47:29] *E o ango rres / pondeo. aguardemos e veerás. a cabo de pouco foy / a casa tam escura e **quantos** estavã em ella **todos** (se) tor / narom tristes.*

- (e) [XIII SG 3:11] *Entam começaram todos a chorar com prazer quantos no lugar stavam.*
- (f) [XV VS 26:8] *Nom te avondava a cidade de Eleopolis que em / outro tenpo foy mynha e todos quantos ã ela mo / ravam me adoravam e os quaes me tiraste e baptiz / aste e consecraste e deste ao teu Deos?*

1.7 Redobramento de complementizadores

Temos aqui diferentes situações, que vão desde a repetição do complementizador, até os casos de conjunções correlativas aditivas e consecutivas:

(7) Repetição do complementizador

- (a) [XIII CMS1 83:27] *E começou a dizer, / con sanna que avia, / **que** se per força prender / a cidade podia, / **que** faria en matar / o poboo myudo / e o tesour' en levar / que tñian ascondudo. / [...] //*
- (b) [XIII CSM1 146:23] *Este castel' aquel conde | por al fillar non queria / senon pola gran riqueza | que eno logar avia; / poren gran poder / de gent' ali assñara / con que combater / o fez, e que o tomara, / [...] // Se non foss' os do castelo | **que**, pois se viron coitados, / **que** fillaron a omagen, | por seer mais anparados, / da Virgen enton, / Santa Maria, que para / mentes e que non / os seus nunca desanpara. / [...] //*
- (c) [XV VS 50:26] *Convẽ-te que te // tornes ao teu corpo. e contarás todas estas cou / sas que viste. por tal **que** o(s) que te virem e esto ouvirẽ **que** / tomẽ exenplo de bem fazer e guardar-sse de mal.*
- (d) [XIII FR 183:17] *Todo omẽ que demandar erdade a outro ou outra cousa qualquer, se o teudor da herdade ou daquella cousa que lli demandã se quiser emparar per tempo e disser que ha huu ano e huũ dya ia passado que a teue em paz en face daquel que a demanda e que porende ãõ deue a responder, (E) se el prouar que huu ano e huũ dya é passado que a teue em paz en façe daquel que entrãdo e(n) sayndo o demandador ena uila, mãdamosque ãõ lhy responda.*
- (e) [XIV LLCPC 220:37] *[...], temendo-se de cavalgar, com a fraqueza, o que ele encubria mui bem a todos, pedio-lhes **que**, se ele desperecesse naquela lide, **que** ficasse dom Egas Gomez de Sousa em seu logo, que era de boa linhagem e de grande bondades.*

- (f) [XV CA200 47:3] Ora pregunto **se** depois desto **se** non cõfesarse **se** tornam ael aquelles pecados de que la he perdoado.

No pólo extremo do redobramento de complementizadores teríamos o surgimento das conjunções correlatas, estudadas pioneiramente por Oiticica (1955). Esse gramático identificou quatro tipos de correlação: (i) aditivas: *não só ... como também*; (ii) alternativas: *ou ... ou, ora ... ora, já ... já*; (iii) comparativas: *mais ... do que, menos ... do que*; (iv) consecutivas: *tanto ... que*. Exemplifico o primeiro e o quarto tipo de sua taxonomia:

(8) Correlação aditiva

- (a) [XIV DSG 4:10] E tan comprida era a vida que fazia que **non solamente** d'obras maas e desaguisadas, **mais** de palavra sobeja, que non presta nen empeence a nenguu, a que chama a Escritura ociosa, se guardava
- (b) [XIII SG 37:14]E assi como mais maravilhas avirom deste scudo ca doutro, assi averá mais bondade darmas e de santa vida em aquel, que o ha de trazer, ca em outro cavalleiro.

(9) Correlação consecutiva

- (a) [XIV DSG 34:28] Ca **tan sobejo** foi o prazer da carne que ouve **que** aquelo que fez con seu marido fezera-o con outro qualquer.
- (b) [XIV DSG 49:5] E **tanta** foi a coita e a door que ende recebeu **que** todo o deleito e o prazer que ouvera da molher que o enmiigo ant' os seus olhos apresentara perdeu-o e des ali adeante nunca o ouve.

2. ORIGEM E GRAMATICALIZAÇÃO DE ENDE

Como todas as línguas românicas, O PM possuía dois locativos que tiveram uma história muito parecida e entrelaçada: *hi* e *ende*. Esses locativos podiam figurar como formas simples ou como formas preposicionadas.

O locativo *hivem* do Latim *ibi* ou *hic* e suas principais características eram: (i) possuía o traço [- movimento], ou seja, não marcava nem a origem, nem o percurso ou o fim do movimento; (ii) tinha o sentido principal de “aí”, “nesse lugar” (10a-b), além de outro, neutro, “nisso” (10c); (iii) podia ser dêitico ou fórico; (iv) podia vir acompanhado de um sintagma preposicionado (10d), que os gramáticos chamavam de pleonasma; (v) era usado principalmente com verbos estativos como *ser* (b), *estar* (d), *haver*, *ter*; (vi) seu antecedente foi, inicialmente, um sintagma preposicionado locativo com a preposição *em* ou *a* e, posteriormente, passou a ter como antecedente qualquer sintagma preposicionado com a preposição *em*; (vii) se juntou a preposições estativas como *des* (e), *de*, *a*; (viii) foi usado como variante do advérbio *ende* e foi substituído por este em muitas situações; e (ix) teve grande uso no período medieval do Português, mas no século XVI era de uso muito restrito, tendo sobrevivido no Português atual na forma preposicionada *aí*. Não tratarei deste advérbio no presente texto, mas vejamos alguns exemplos:

(10)

- (a) [XIII CSM2 158:5] *Como uun ome de Moriella, que ameude ya a Santa Maria de Salas e tragia sa magestade, viu viir nuveado e pos a Magestade na sa vinna; e non firiu y a pedra, e toda-las outras foron apedreadas en derredor.*
- (b) [XIII SG 13:15] *Elles em esto fallando virom vir pella rebeira ùa donzella sobre ù palafrem branco, e quando chegou a eles, preguntou, se era i Lançarot.*
- (c) [XIII SG 29:11] *Entam tornou a Galuam e disse: “Galuum, cree que tu e Morderet, teu irmão, nom nascestes senam por fazerdes maas aventuras e doorosas. Se os que aqui seem, o soubessem como o eu sei, sacar-vos-iam os corações, ja ainda os vos faredes morrer a door e a marteiro. E estes que me ora nom creem o que lhes eu digo ainda o creerám tal ora que nom poderám i poer conselho”*
- (d) [XIII CSM2 145:6] *Enton deceu a saeta | e feriu no tavoleyro, / toda coberta de sangui; e creede sen dultança / [...] // Que sanguent’o tavoleiro | foi. E quantos y estavam / en redor veend’o jogo | ferament’en s’espantavan, / ca viian fresc’o sangui | e caent’, e ben cuidavan / que algun deles ferido | fora de spad’ou de lança.*

- (e) [XIII CSM2 182:1] *A tormenta aquedada | foi, e seu mast'adubaron / e log' a Santa Maria | de Salas s'acomendaron; / e ouveron tan bon vento, | que na mannã chegaram / a Acr' e perderon medo | e todos maos penssaes / [...]*
// *Que ant'avian da morte; | des i quantas merchandias / tragian, todas venderon | mui ben e en poucos dias.*

O advérbio *ende*, oriundo do Latim *inde*, tinha as seguintes características: (i) possuía o traço [+ movimento], que marcava o ponto de origem (11a); (ii) tinha o significado de “daí” (a), “desse lugar”, além de um outro, neutro, “disso” (11b), podia também ter um sentido partitivo; (iii) podia ser empregado como dêitico ou fórico (11b); (iv) podia vir acompanhado de um sintagma preposicionado (11e); (v) aparece sob duas formas: *ende* (11b-c), mais próxima de sua etimologia, e *en* (11a), forma reduzida; (vi) com o sentido de locativo era usado com verbos de movimento como *sair*, *tirar*, *sacar*; (vii) seu antecedente era principalmente um sintagma preposicionado iniciado com a preposição *de* (11e); (viii) se juntou a preposições como *des*, *pro*, *por/per*; (ix) foi usado como variante do advérbio *hi*, tendo os dois se substituído em muitas situações; (x) teve grande uso na primeira fase do PM e seu uso foi decaindo até desaparecer; e (xi) sobreviveu na forma preposicionada *porém*. Vejamos alguns exemplos:

(11)

- (a) [XIII CSM2 29:24] *Mais a Madre do onrrado / Jeso-Crist'a seu chamado / vëo, e o denodado / demo logo fugiu en, / [...]* // *U ela ressucitado / ouv'o morto e sacado / do rio, que ja buscado / fora daquend'e dalen.*
- (b) [XIII CSM2 86:19] *Dentro ena cova gran gente meteu / e tirou a terr' e a pena fendeu; / e pois lles el dentro viv' apareceu, / tirárono ende sen sse detëer. / [...]* // *E quando o viron, deron end' a Deus / graças e loores, chorando dos seus / ollos muito todos, dizendo: “Os teus servos nunca poden mui gran [mal] prender.” [...]* //
- (c) [XIII CSM1 110:17] *Quantos aquest' oyron, log' ali vëeron / e aa Virgen santa graças ende deron, / e os seus miragres ontr' os outros teveron / por mais groriosos. / [...]* //

- (d) [XIII-XIV CA 272:7] *Sempr' ando cuidando em meu coraçõ / com' eu iria mia senhor veer / e en como lh' ousaria dizer / o ben que lh' eu quero; e sei que non / lh' ousarei end' eu dizer nulha ren, / mais veê'-la-ei || pouco, e irei én / con mui gran coita no meu coraçõ, // Tal que, se a vir' quantas cousas son eno / mundo non mi-an de guarecer / de morte, pois lhe non ousar' dizer / o ben que lh' eu quero.*
- (e) [XIII CSM1 46:26] *Tod' aquesto que vos ora dito / ei, San Basil' en sa vison viu; / e Santa Maria deu-ll' escrito / un lyvro, e ele o abryu, / e quanto y viu no coraçõ fito / teve ben, e logo ss' espedyu / dela. E pois da vison foi quito, / ficou en con med' e com tremor.*
- (f) [XIII CSM2 114:2] *Aqueste feito soube logo seu abade, / que bon om' era, e ouv' en gran piadade / e a dous monges disse: "Oy mais aguardade / est' outro de caeda fazer escarnida." / [...] //*
- (g) [XIII-XIV CA 11:8] *Quen oge mayor cuita ten / d' amor eno seu coraçõ / de quantos d' el cuitados son, / Nostro Senhor lhe ponha i / conselho, se a el prouguer' / atal per que lh' a tolha én.*

Esse locativo era muito freqüente nas línguas românicas da Península Ibérica, além do Francês, Italiano e Romeno. Ao longo do tempo sua forma, nas línguas românicas, foi sendo alterada, como se pode ver no Quadro 1:

Quadro 1. O advérbio latino *inde* em algumas línguas românicas³
Observação: as siglas Med. e Mod. significam medieval e moderno, respectivamente.

Português		Castelhano		Aragonês		Catalão		Francês		Italiano	
Med.	Mod.	Med.	Mod.	Med.	Mod.	Med.	Mod.	Med.	Mod.	Med.	Mod.
Ende		Ende		-nde				ind		nde	
		End		end							
		Ent		ent				ent			
En		En		en	En	en/-en	en	en	En		
				ne	Ne	ne/-ne	-ne			ne	ne
n/-n					n/-n	n/-n					
							N'/n		N'	n'/n	n'
An								an			

³ Dados tirados de um quadro de Badia Margarit (1947), p. 35. Os dados do Português foram acrescentados por mim. Quando as formas são antecedidas ou seguidas de (-), significa que elas ocupam uma posição proclítica ou enclítica, respectivamente. Quando as formas são antecedidas ou seguidas de ('), significa que elas ocupam uma posição inicial ou final de palavra.

(12) Castelhana do séc. XIV (a-b),⁴ Aragonês do séc. XIV (c-d),⁵ Catalão dos séculos XIV e XV (e-f),⁶ Provençal (g-h),⁷ Francês medieval (i-j)⁸

(a) ... et que descendió a los infiernos, et que sacó **ende** los padres sanctos...

(b) Non ssé astrologia nin so **ende** maestro ...

(c) ... stuuo cerrado en aquella fuessa VII anyos après el emperador **londe** fizo sacar

(d) ... algunos tractauan enguanyar lemprador entre los cuales fue acusado villisario el cual **ne** era ignocent...

(e) No et pens, però, que aquells qui son condemnats a infern **ne** isquen ...

(f) Veus-ací tot lo meu bé, fet-**ne** a vostra voluntat

(g) en Fransa vos **n'iretz** “você pode ir à França”

(h) mas vostres sui, e no m'**en** vuelh partir “mas eu sou teu, e não quero deixar você”

(i) puis s'**en** alat en Alsis la citet “então ele foi à cidade de Alsis”

(j) ves chi mon fil, qu'**en** feron nous? “aqui está meu filho, o que vamos fazer com ele?”

Conforme dito anteriormente, o locativo figurava no PM como forma simples ou reduplicada, preposicionada ou não preposicionada. Em ambas as roupagens, ele passou por interessantes processos de gramaticalização. Primeiramente, tratarei da gramaticalização do item que estamos estudando, e depois postularei que a estrutura duplicada permitiu o uso desse locativo como articulador discursivo.

Entende-se por gramaticalização um conjunto de modificações de itens lexicais, modificações essas desencadeadas por necessidades discursivas. Essas alterações afetam a fonologia da palavra (= encurtamento drástico, levando um vocábulo com acento tônico a se transformar num clítico), sua morfologia (= mudança de

⁴ Exemplos tirados de Badia Margarit (1947), p. 108-9.

⁵ Idem, p. 146-7.

⁶ Idem, p. 192-3.

⁷ Exemplos tirados de Jensen (1986), p. 317.

⁸ Exemplos tirados de Jensen (1990), p. 437.

classe gramatical, perda da autonomia lexical, reduzindo-se o item a uma forma presa), sua sintaxe (= mudança da combinatória sintática, mudança de sua função oracional – a chamada reanálise gramatical) e sua semântica (em geral, transformação de um sentido concreto em um sentido abstrato). O grau máximo da gramaticalização é o desaparecimento da forma, com o surgimento de outro item em substituição (= lexicalização), o qual, por sua vez, poderá passar pelos mesmos passos da forma substituída: Heine; Claudi; Hünemeyer (1991), Hopper; Traugott (1993), Bybee; Perkins; Pagliuca (1994).

Pesquisas relatadas nessa bibliografia têm demonstrado que em várias línguas a gramaticalização expressa a criatividade lingüística, entendida como a habilidade de conceptualizar domínios abstratos da cognição a partir de termos concretos. Heine; Claudi; Hünemeyer (1991) apontam as seguintes regularidades nessas relações entre concreto e abstrato: o domínio dos espaços em relação ao dos objetos físicos; o domínio do tempo em relação ao dos conceitos espaciais; o domínio das relações lógicas em relação aos conceitos de tempo.

Ora, as palavras latinas *inde* e *ibi/hic* remetiam ao domínio do espaço, e não sabemos se em estágios anteriores ao Latim os antepassados desses itens teriam designado algum objeto concreto. O exame de línguas atuais mostra que as designações de partes do corpo humano são freqüentemente utilizadas para situar o ser humano no espaço, dando posteriormente surgimento a preposições e a conjunções. É esse o caso de *fronte*, no sentido de parte dianteira do rosto, substantivo que, preposicionado, passou a indicar o espaço “defronte”, entre outras derivações. Teriam *inde* e *ibi/hic* tido origem semelhante? Provavelmente nunca saberemos.

Em nosso caso, “pegamos o bonde andando”, e é já uma representação do espaço que encontramos nas primeiras atestações de *ende* e de *hi*. Nesses usos, as palavras atuam como um dêitico locativo, bastante documentado em nossos dados. Na mesma época, ocorrem usos dessas formas como fóricos, o que definitivamente as habilitou a funcionar como articuladores discursivos.

O requisito discursivo de localizar espacialmente determinado participante, ou então localizar o argumento no texto, explica os diferentes percentuais de ocorrências de *ende* no *corpus* de análise, desconsiderando-se as formas apocopadas ou não, preposicionadas ou não. É evidente que os gêneros discursivos implicam a seleção de certos dispositivos gramaticais e a rejeição de outros. Esses dados aparecem na Tabela 1, em que se privilegia uma leitura horizontal dos dados. Não farei, neste momento, uma análise desses textos em correlação com a seleção do locativo.

Tabela 1. Ocorrências de *ende* por tipo de documento

	Forma simples					Forma preposicionada					Total geral
	Ende		En		Sub- total	porende		Poren		Sub- total	
	Ocor	%	Ocor	%		Ocor	%	Ocor	%		
CSM	115	49	118	51	233	126	40	189	60	315	548
CA	104	38	170	62	274	9	6	152	94	161	435
CEM	62	38	102	62	164	13	12	99	88	112	276
*SG	331	59	230	41	561	13	8	150	92	163	724
HGP	66	96	3	4	69	5	83	1	17	6	75
FR	41	82	9	18	50	11	19	48	81	59	109
DSG	54	82	12	18	66	92	88	12	12	104	170
CGE2	38	100	-	-	38	18	17	87	83	105	143
LM	1	100	-	-	1	47	42	64	58	111	112
VPA1	86	100	-	-	86	153	94	10	6	163	249
VS		-	-	-	-	5	26	14	74	19	19
CDP	-	-	-	-		1	2	40	98	41	41
GV	-	-	-	-	-	1	1	82	99	83	83
GLP	-	-	-	-				14	100	14	14
AJS	-	-	-	-		-	-	133	100	133	133
GPLP	-	-	-	-	-	-	-				
Total	898		644		1542	494		1095		1589	3131

Seria igualmente importante indagar-nos sobre a frequência de uso das diferentes formas geradas por *inde*, para refletir sobre como se deu sua gramaticalização. Procedendo a uma “leitura vertical” dessa tabela, obtém-se a Tabela 2.

Tabela 2. Frequência de uso das formas derivadas de *inde*

	Forma simples					Forma preposicionada					Total geral
	Ende		En		Sub- total	Porende		Poren		Sub- total	
	Ocor	%	Ocor	%		Ocor	%	Ocor	%		
CSM	115	13%	118	18%	233	126	25	189	17	315	548
CA	104	12%	170	26%	274	9	2	152	14	161	435
CEM	62	7%	102	16%	164	13	3	99	9	112	276
*SG	331	37%	230	36%	561	13	3	150	14	163	724
HGP	66	7%	3	0.5%	69	5	1	1	0	6	75
FR	41	4%	9	1.5%	50	11	2	48	4	59	109
DSG	54	6%	12	2%	66	92	19	12	1	104	170
CGE2	38	4%	-	-	38	18	3	87	8	105	143
LM	1	0	-	-	1	47	9.5	64	6	111	112
VPA1	86	10%	-	-	86	153	31	10	1	163	249
VS	-	-	-	-	-	5	1	14	1.5	19	19
CDP	-	-	-	-	-	1	0.25	40	4	41	41
GV			-	-	-	1	0.25	82	7	83	83
GLP								14	1.5	14	14
AJS								133	12	133	133
GPLP											
Total	898/ 1542	29%	644 / 1542	21%	1542/ 3131	494 – 1589	15%	1095/ 1589	35%	1589/ 3131	3131
	58%		42%		49%	31%		69%		51%	

Essa Tabela permite várias leituras. Eis aqui algumas delas: (1) as formas preposicionadas manifestam uma ligeira vantagem sobre as não preposicionadas, o que é um indício de regramaticalização de *ende/en*; (2) a forma etimológica *ende* é ligeiramente mais frequente que a forma apocopada, numa proporção de 58% para 42%; seria necessário separar os dados por período do PM para avaliar até que ponto ambas formas eram estáveis na totalidade do período examinado; (3) a preposição *por* escolhe prioritariamente a forma apocopada *en*, numa proporção de 69% de ocorrências de *poren* sobre apenas 31% de *porende*, o que aponta para um fenómeno oposto àquele anotado em (2).

Para melhor avaliar o quadro, separei os dados de acordo com o período do PM de que provinham, obtendo assim a Tabela 3.

Tabela 3.

	Forma simples		Forma preposicionada		Total
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem	
1ª fase medieval	1417/2337	61%	920/2337	39%	2337
2ª fase medieval	125/564	22%	439/564	78%	564
Século XVI	-	-	97/97	100%	97
Século XVIII		-	133/133	100%	133
Total	1542		1589		3131

A Tabela 3 é bem mais reveladora, como se podia esperar: (1) o percentual de formas simples cai dramaticamente do primeiro para o segundo período, numa proporção de 61% para 22%, anunciando a “morte” de *ende/en*, isto é, o grau zero de sua gramaticalização; (2) num movimento contrário, de regramaticalização, as formas preposicionadas sobem de 38% para 78% nesses períodos, até se tornarem categóricas nos séculos XVI e XVIII, desaparecendo de vez as formas simples.

É tempo agora de estudar o funcionamento dessas formas.

3. ENDE COMO CONSTITUINTE SENTENCIAL

A exemplificação contida no item anterior mostra que o locativo *ende* figura no *corpus* (1) como forma simples ou como forma duplicada – operando, neste caso, como uma estrutura correlata; (2) como forma preposicionada ou como forma não preposicionada. Passo a examinar separadamente essas formas.

3.1 *Ende* como forma simples

O item *ende* podia ter pelo menos dois sentidos: dêitico locativo, indicador de causa, podendo ainda cliticizar-se ao verbo *prazer* como fórico. Operando como um constituinte sentencial, essa palavra assumia os seguintes sentidos:

3.1.1 *Noção de locativo de origem, seu sentido mais primitivo, marcava o início de um movimento, o lugar de origem desse movimento e significava “de lá” ou “daí” Construía-se com verbos de movimento, funcionando geralmente como seu complemento oblíquo:*

(13) Noção de origem

- (a) [XIII CSM2 14:18] [...] / E metérona mais morta ca viva / na eigreja, vestida dun prumaz. / [...] // Assi gemendo e dando carpynnas, / adormeceu. E logo sen tardar / ll' apareceu a Sennor das reynnas / e começou-a muit' a confortar / e disse-ll': "Eu trago a[s] meez̃as / con que são de fog' e d' alvaraz. / [...] / E leva-t' **en**, ca des oy mais es sãa, / e vai dormir ant' aquel meu altar; /
- (b) [XIII CSM2 118:19] En Xerez, preto d' Aguadalquivir, / foi este miragre, que sen falir, / ouv' l tan gran seca, por que fugir / a gent' **en** toda queria. / [...] /
- (c) [XIII-XIV CA 105:6] O que conselh' a min de m' eu quitar / de mia senhor, porque me non faz ben, / e me por tan poderos(o) ora ten / de m' **én** partir, nunca el ouv' amor / qual og' eu ei, nen viu esta senhor / con que amor fez a min començar.
- (d) [XIII CSM1 206:2] E a destro viu estar da capela / de gran fremosura hũa donçela / que de faíçon e de coor mais bela / era que nona neve e a grãa, / [...] // Que lle fez sinas que sse chegasse / ant' o preste e que ss' agẽollasse; / e ao preste fez que o catasse / a Virgen piedosa e louçãa, / [...] // Que lle meteu o dedo na orella / e tirou-ll' **end'** un ve[r]men a semella / destes de sirgo, mais come ovella / era velos' e coberto de lãa. / [...] //
- (e) [XIII CSM2 152:2] Muitos meges y vëeron, | mais non poderon per ren / tira-ll' **ende** o cuitelo | per arte per seu sen. / E ela, quando viu esto, | a Rocamador foi-ss' en / rogar a Santa Maria, | u acha todo crischão / [...] // Bõo e toda crischãa | que lle ben de coraçõ / roga mui gran piadade.
- (f) [XIII-XIV CS 226:7] A esta coita nunca eu vi par, / ca esta coita peor ca mort' é; / e por **én** sei eu ben, per bõa fé, / que non fez Deus a esta coita par; / ca pero vej' u é mia senhor, non / ousei veê'-la isi Deus me perdon! / e non poss' **end'** o coraçõ partir, / nen os olhos, mais non ous' alá ir. //
- (g) [XIII SG 105:15] Os outros dous ficarom, porque acharom tam gram sabor no manjar do Santo Graal, que se nam partirom **ende** em nenhũa guisa pois que a ouverom a sua vontade.
- (h) [XIII SG 208:24] E estando em aquel chão muito espantado do que via, viu viir contra si ãa loba que tragia ãu cordeiro na boca e dizia-lhe: "Erec, mata este cordeiro, ca a ti convem a fazê-lo". E elle o matava, mais mui da envidos, e partia-se [e]n logo e leixava a loba.

Como dêitico locativo, *en* constrói-se contíguo ao verbo no interior da oração. Os exemplos mostram como essa palavra atuava na localização do sujeito num lugar de origem, normalmente parafraseável por “dali”, “daí”, “aqui” e “aí”, como se viu.

3.1.2 Noção de causa, parafraseando-se por “disso” “por isso” Constrói-se com verbos de evento e com verbos apresentacionais:

(14) Noção de causa

- (a) [XIII CSM1 16:33] *Quando foron ambos a hũa parte, fillou-s' a chorar / o irmão do Emperador e muito xe lle queixar / de sa moller, que, porque non quisera con ela errar, / que o fizera porende tan tost' en un carcer deitar. / Quand' o Emperador oyu, ouv' en tal pesar, / que se leixou do palaffren en terra caer. / [...]* //
- (b) [XII CSM1 43:14] *Todo-los Santos que son no ceo | de servir muito an gran sabor / Santa Maria a Virgen, Madre | de Jeso-Cristo, Nostro Sennor / E de lle seeren ben mandados, / esto dereit' e razon aduz, / pois que por eles encravelados / ouve seu Fill' os nembros na cruz / demais, per ela Santos chamados / son, e de todos é lum' e luz; / porend' estan sempr' apparellados / de fazer quanto ll' en prazer for*
- (c) [XIII CSM2 78:6] *Quand' est' oyron as gentes, | mui gran maravilla en / ouveron e ar loaron | muito a que tanto ben / fez e nos faz cada dia, | e os crerigos “amen” / responderon e os sinos | mandaron todos sôar. / [...]* //
- (d) [XIII-XIV CA 203:7] *iAy eu! Que mal-dia naci / con tanto mal quanto me ven, / querend' ãa dona gran ben / que me fez mal, des que a vi, / e faz, e non s' én quer quitar, / e ora faz-[me] desejar / mia mort' e alongar de si! //*
- (e) [XIII CSM2 124:7] *Ant' abriu sas portas, e seu aver dado / foi mui francamente e ben enpregado / por amor da Virgen de que Deus foi nado, / que non lle ficaro[n] sol dous pepiões, / [...] // Senon esses panos ond' era vestido. / E pois se viu pobre, foi end' esmarrido; / mais à Virgen santa, per com', ey oydo, / que o acoresse fez sas orações. / [..]* //
- (f) [XIII-XIV CA 39:23] *E dê-me poder de negar / sempr' a mui gran cuita que ei / por vos aas gentes que sei / que punham en adivinhar / fazenda d' om' e 'n' a saber. / E os que esto van fazer, / Deu-los leix' end[e] mal achar. //*

Nos exemplos recolhidos em (13), *ende/en* indicam o lugar de onde uma pessoa ou um objeto se deslocou, construindo-se com

verbos de movimento. Uma primeira modificação semântica ocorreu quando esses dêiticos passaram a ser usados com verbos de outra natureza, como em (14). Essa expansão de combinatória sintática representou uma alteração muito forte, cindindo-se *ende/en* em duas interpretações semânticas: (i) mantendo o sentido locativo, agora um genérico “ali”; (ii) desenvolvendo um papel fórico, de retomada de referentes já mencionados, parafraseando-se com “isso”, como em (14). Nestes casos, o item perde a função de complemento oblíquo e assume a função de adjunto adverbial.

3.1.3 Como clítico, *en* constrói-se com o verbo *prazer*, constituindo construções cristalizadas, privativas dessa forma reduzida:

(15) *Prazer* + *en* fórico

- (a) *E pois lles est' apareceu, foi o vento quedado,/ e o ceo viron craro e o mar amanssado,/ e ao porto chegaram cedo, que desejado/ avian; e se lles proug' en, sol dulta non prendades [CSM 108:38]*
- (b) *Com' ajamos algun fillo, | ca se non, eu morreria./ Poren dou-vos por consello | que log' a Santa Maria/ de Salas ambos vaamos, | ca que se en ela fia,/ o que pedir dar-ll-á logo, | aquest' é cousa certa./ [...] Muit' en proug' ao marido, | e tan toste se guisaron/ de fazer sa romaria | e en seu camy' entraron [CSM 125:15]*
- (c) *Se ome fezer de grado | pola Virgen algun ben,/ demostrar-ll' averá ela | sinaes que lle praz en [CSM LVIII:15]*

A reanálise de *ende/en* mostrada nos exemplos (13) e (14) representou uma mudança e tanto: esses pronomes circunstanciais deixam a centralidade da oração e passam para sua periferia, isto é, migram de complementos para adjuntos, e seu sentido muda de locativo para fórico. Com efeito, esses itens deixaram de receber caso ablativo do verbo de movimento, afastando-se do núcleo predicativo duro da oração, e passaram a atuar na adjuncção à oração, construindo-se com verbos não de movimento.

Vejamos agora o que se pode aprender com as formas redobradas.

3.2 *Ende em formas redobradas*

3.2.1 As formas redobradas possuem as seguintes características: (i) sempre são dêiticas, podendo ser locativas (16a) ou não (16b) e (ii) sempre ocorrem na mesma sentença (16a-b). Vejamos alguns exemplos:

(16)

- (a) [XIII CSM2 41:30] [...] / Mai-lo Papa cremente / certamente / lle disse: “Essa ora, / sen demora, / te vai pera Suria; / [...] // Ca un sant’ om’ y está / que **end’** é Patriarcha / **daquela terra** e á / en pode-la comarca, / e consello te dará / bõo, se Deus [me] parca. / [...] //
- (b) [XIII CSM2 129:3] E fez seu doo como faz / moller coitada; mas con fe / disse: “Sennor a que despraz / do mal, v[e]es qual meu fill’ é, / que ante ti desfeito jaz; / porend’ a Deus, teu Fill’ u sé / roga que são e en paz / mio dé; tanto ti peç’ en don. / [...] // Ora verey o que farás / ou se deste meu mal te dol, / ca ben sei que poder **end’** ás / **de o fazer**. E muit’ é fol / o que non cree que darás / ben aos teus e que ssa prol / non queres; ond’ oge sen cras / compri logo mia petiçon.” / [...] //

3.2.2 As formas redobradas podem ocorrer em pelo menos três arranjos:

- todos os elementos da duplicação estão presentes, independentemente da ordem em que aparecem: *en* + PP *en* ... PP e PP ... *en*, como no exemplo (17).
- apenas um dos elementos da duplicação está presente: *en* + (PP), (*en*) + PP, como no exemplo (18).

(17) *en* + PP , *en* ... PP e PP ... *em*

- (a) [XIII:1274 HGP 129:17] Et deuemos e outorgamos **ende** a dar **deste** cassar ao sobre dito moesteiro terza de pan e meo de vyno, et terza de todollos outrros fruitos sacado **ende** choussa e nabal e fruto d’aruores [...]
- (b) [XIV:1310 HGP 89:38] Et que isto sseia çerto e nõ uena *en* dulta, mãdamos uos **en** fazer esta carta **desta** uençõ **feyta per Ares Peres, notario publico en Villa Noua de Lourêzãa**, [...]
- (c) [XV:1414 HGP 107:22] Et por que esto seja çerto et nõ veña *en* dulta, rroquey et mãdey ao notario sub escripto que fezese **ende delo** esta carta de testamêto et que a signase de seu signo.

- (d) [XIII CSM1 106:19] *Disso maestre Bernaldo: | “Esto mui gran dereit’ é/ de vos nenbrar das relicas | da Virgen que con Deus ssé,/ a que fezestes gran torto | guardando mal vossa fe.”/ E non quis **en** mais do terço, | que fez logo coller*
- (e) [XIII CSM1 58:9] *Gran sandece faz quen se por mal filla / cona que de Deus é Madre e Filla. // **Desto** vos direi un miragre fremoso, / que mostrou a Madre do Rei grorioso / contra un ric ome fol e sobervioso, / e contar-vos-ei **end’** a gran maravilla. / [...]*
- (f) [XIII CSM2 51:17] *E quando viu que tod’ esto ren non lle prestava, / aa eigreja de Chartes levar-se mandava, / e ant’ o altar chorando foi tan repentuda / que logo ouve saude; cousa foi viuda / [...] // Per toda aquela terra, que os que a viran / andar tolleita das mãos e pedir oyran / deron graças aa Virgen, a que sempr’ ajuda / aos coitados, ca **desto** muit’ **end’** é tẽuda. / [...]*
- (g) [XIII CSM1 47:10] *E se **daquesto**, pela ventura,/ que digo non me creedes **en**:/ eu fui catar a ssa sepultura/ e das sas armas non vi y ren*
- (h) [XIII CSM1 130:13] *Aqueste **de fazer dano** | sempre-ss’ **ende** treballava, / e a todos seus vezõs | feria e dẽostava; /*
- (i) [XIII:1283 HGP 77:22] [...] *e que a lauoredes e paredes bem e que seyades uassalos do moesteyro de Chouzã seruentes e obedientes e que dedes **ende** ã cada un ano áó moesteyro de Chouzã per seu maordomo meadade de uino no lagar e meadade de todo pam que y lauorardes na eyra, posta a semente de cõsúó, e meas de castanas e de nozes secas e limpias assi comó ás arendarẽ os outros oméés do móésteyro e **de totalas outras cousas que y lauorardes e chamtardes dardes inde** meo saluo ãde que nõ dedes nũca do nabal que y lauorardes [...]*
- (j) [XIII:1283 HGP 77:31] *Et **de totalas outras cousas que uos y ouuerdes e criardes e gáánardes** nũcas ãde a uos mais demãdem do moesteyro de Chouzã por razõ deste foro e desta erdade sobre todo esto; [...]*
- (k) [XIII:1289 HGP 197:41] [...] *por preço nomeado que eu Rodrigo Eanes sobre dicto de uos rreçebj, cõuem a ssaber: duzêtas libras da moeda que corre, quaraenta dineyros por liura e dous dineyros por soldo cõ robora e cõ saiuyzo de quanto a nos e a uos aprougue; e **do preço nẽ da robora nẽ do saiuyzo** nõ ficou **ende nẽ** una cousa por dar nẽ por pagar.*
- (l) [XIV:1348 HGP 285:38] *E a dita Dona Guiomar Gonçalluez, assy tomou e recebeu a dita posse da dita quintãa e dos frujtos e nouos e prooes dela pela gujsa e cõdições que o dito senhor arçebispo manda. **Das quaaes cousas** a dita Dona Giomar Gonçalluez e o dito abbade de Santa Ssenhoña pedirõ **ende** senhos esstromentos tal hũu como o outro.*

(18) *en* + (PP), (*en*) + PP

- (a) [XIII HGP 50: 17, ano de 1300] [...] e que pobledes y lauredes e chantedes e aproueyt(e)d(es) ben e compridamente todos esses lugares e esses herdamentos sobreditos en guisa que (n)õ desalescã cõ mĩgua de laur e dedes ende a nos cada hũ anno en saluo ena villa de Milide cento e çincoenta mrs. d'alffonsíjns [...]
- (b) [XIII HGP 48: 27, ano de 1282] Et por esto séer certo, fezemos ende fazer duas cartas partidas per a. b. c. feitas per Martin Perez, notario da Cruña, [...]
- (c) [XIII 143: 4, ano de 1302] [...] per tal pleyto que o moredes per uos meesmos e que o lauredes e o paredes bẽ commo sse nõ perça per mingua de bõ paramẽto e que nos diades del cada anno per nosso moordomo terça de uino e quarta de toda grãa que Deus y der [...]
- (d) [XIV HGP 59:40, ano de 1367] Et que esto seia çerto mãdamos nos as ditas partes dello fazer duas cartas en hũ tenor tal hũa commo outra feytas per notario.

Vou considerar que (17a-d) representa a ordem de base de *en*, *hi* duplicados, sendo (17e-m) o resultado de uma topicalização de SP. Vou postular também que o movimento do SP para a esquerda teve como consequência o desaparecimento de *en* no português clássico e contemporâneo, cujos primeiros momentos aparecem em (18c-d). Outras línguas românicas mantiveram a forma originária de *inde*, como o Francês *je m'en* vais, e o Italiano *me ne* vado.

A partir daqui, radicaliza-se a omissão do locativo, sobrevivendo apenas o SP:

(19) *en* = $\emptyset$

- (a) *Quenas coitas deste mundo ben quiser soffrer, / Santa Maria deve sempr' ante si pôer. // E desto vos quer' eu ora contar, segund' a letra diz, / un mui gran miragre que fazer quis pola Enperadriz, / de Roma, segund' eu contar oý, per nome Beatriz, / Santa Maria, a Madre de Deus, ond' este cantar fiz, / que a guardou do mundo, que lle foi mal joyz, / e do demo que, por tentar, a cuydou vencer. / [CMS1 12:7]*
- (b) *Aquel lais que el cantava | era da Madre de Deus, / estand' ant' a sa omagen, | chorando dos ollos seus; / e pois diss': "Ai, Groriosa, | se vos prazen estes meus / cantares, hũa candea | nos dade a que cẽemos." / [...] // De com' o*

jogar cantava | *Santa Maria prazer / ouv'* *E fez-lle na viola* | *hũa candea decer*; / *may-lo monge tesoureiro* | *foi-lla da mão toller*, / *dizend'* : "Encantador sodes, | e non vo-la leixaremos. / [...] // [CMS1 26:24]

Em suma, a formulação de (18) explica por que *en* e *hi* desapareceram no português: estando contíguos ao verbo, primeiramente foram duplicados, posteriormente o segundo termo da duplicação se movimentou para a esquerda e, tendo-se afastado do verbo, foi reanalisado como adjunto, elidindo-se as formas locativas.

3.3 *Ende* em formas preposicionadas

Vejamos que preposições podem tomar os locativos como complemento, constituindo-se um SP.

Dentre as preposições que acompanhavam *inde*, apontadas por Ernout-Meillet (1967), *por* e *des* prosseguiram no PM, regramatizando o item e dando surgimento a novas palavras gramaticais. Nos dois casos, *ende* perde o sentido de "ponto de origem", parafraseando-se pelo demonstrativo neutro *isso*, numa mudança semântica um tanto obscura. As mesmas preposicionais acompanharam *hi*. Vejamos alguns exemplos:

(20) Ocorrências de *en* preposicionado com *por*:

- (a) *Todo-los Santos que son no ceo* | *de servir muito an gran sabor* / *Santa Maria a Virgen, Madre* | *de Jeso-Cristo, Nostro Sennor* / *E de lle seeren ben mandados*, / *esto dereit'* e *razom aduz*, / *pois que por eles encravelador ouve seu Fill'* os *nembros na cruz*; / *demais, per ela Santos chamados* / *son*, e *de todos é lum' e luz*; / *porend'* *estan sempr' apparellados* / *de fazer quanto ll' en prazer for*. [CMS1 43:12]
- (b) *Esto fez Santa Maria* / *por hũa pobre moller* / *que a de grado servia* / *come quen ben servir quer*; / e *porend'* *ela un dia* / *valeu-ll' u lle foi mester* / e *mostrou y seu miragre*, | *que vos non foi mui rafez* / [...] // [CSM2 130:14]
- (c) *E logo poren* / *lle perdõou e fez-lle gran ben*, / e os *mezcradores en desden* / *tev'* e *nunca por eles deu ren*, / e *des en*, / *nonos ar quis de tal feito creer*. [CSM1 280:88]

- (d) *Pero mui mais que outra ren / a Reynna esperital / esta dona queria ben, / e que lle seu fillo de mal / guardasse, de todo seu sen / lle rogava mui mais que al, / e comendava-llo poren / ameuð' en ssa oraçon. / [...] //* [CSM2 127:7]

(21) Ocorrências de *en* preposicionado por *des*:

- (a) *Depois, un dia de festa, | en que foron juntados / muitos judeus e crischãos | e que jogavan dados, / enton cantou o menyo; | e foron en mui pagados / todos, senom un judeu que lle quis gram mal des ende. //* [CSM1 22:39]
- (b) *E logo poren / lle perdõou e fez-lle gran ben, / e os mezcraðores en desden / tev' e nunca por eles deu ren, / e des en, / nonos ar quis de tal feito creer. //* [CSM1 280:88]
- (c) *El avia começado / madodõs e rezado / un salm'; e logo fillado / foi do demo feramen. / [...] //* *E pois foi apoderado / de ssa alma, muito irado / foi ao fogo privado / pola y pëar des en. / [...] //* [CSM2 29:19]
- (d) *Metérono en un barco | e passárono alen, / e ýano maltragendo | que lles déss' algũa ren; / e no castel[o] de Nevía | o meteron, e des en / o que o peor julgava | ãia-ss' en por mellor. / [...] //* [CSM2 365:13]

4. *EN* COMO ARTICULADOR DISCURSIVO

O uso discursivo de *en/hi* representa uma extensão natural de seu emprego dêitico e fórico, examinados no item 2. Foi sem dúvida seu redobramento, a que se seguiu a topicalização do SP, o fator desencadeador de seu aproveitamento como articulador discursivo, ao que se soma o caráter fórico assumido pelo item.

Os exemplos encontrados mostram que nessa função *en/hi* sempre aparecem preposicionados. Deve ter havido uma razão semântico-sintática ainda pouco clara para a escolha da preposição *por*.

A razão sintática está indiretamente sugerida por Soares Barbosa (1803, p. 218-36). Depois de definir as preposições, esse notável gramático reconhece nelas duas classes: as preposições de estado e existência e as preposições de ação e movimento. As preposições de estado e existência “exprimem as relações dos objectos por or-

dem ao lugar *onde* existem, ou absolutamente, ou também com respeito a outros objectos que no mesmo se acham” E mais adiante: “As situações podem-se considerar relativamente ou às superfícies horisontaes, ou às perpendiculares” Ele situa aqui as preposições *em, sobre, sob, entre, ante, após, contra, com, sem*. Para definir as preposições de ação e movimento ele mostra que: “Toda a acção é um movimento ou real ou virtual, e todo o movimento tem um princípio *d’onde* parte, um meio *por onde* passa, e um fim *aonde* ou *para onde* se dirige.” Aqui foram dispostas as preposições *de, desde, por* [lugar de onde], *per* [lugar por onde], *a, até, para* [lugar para onde]. Ora, como o sentido primeiro de *inde* era o lugar de onde, nada mais natural que se seleccionassem *des* e *por*, mas foi esta a preferida para as articulações discursivas, adiante exemplificadas.

A propriedade fórica de *en* se exercita sobre dois domínios: um constituinte sentencial, geralmente [+ humano], como vimos em (1), ou todo o conteúdo proposicional, caso em que teremos duas situações: ou *en* anaforiza orações independentes, como em (22) ou orações dependentes, como em (23):

(22)

- (a) *Depois, un dia de festa, | en que foron juntados/ muitos judeus e crischãos | e que jogavan dados,/ enton cantou o menço; | e foron en mui pagados/ todos, senon un judeu que lle quis gran mal des ende [CSM 22:39]*
- (b) *Tod’ aquesto que vos ora dito/ ei, San Basil’ en sa vison viu;/ e Santa Maria deu-ll’ escrito/ un lyvro, e ele o abryu,/ e quant’ y viu no coraçon fito/ teve ben, e logo ss’ espedyu/ dela. E pois da vison foi quito,/ ficou en con med’ e con tremor [CSM 46:120]*

(23)

- (a) *Se ome fezer de grado | pola Virgen algun ben,/ demostrar-ll’ averá ela | sinaes que lle praz en [CSM LVIII:15]*
- (b) *Toller pod’ a Madre de Nostro Sennor/ toda tempestade, se ll’ em prazer [for] [CSM LXXII:8]*

- (c) *Quando foron ambos a hũa parte, fillou-s' a chorar/ o irmão do Emperador e muito xe lle queixar/ de sa moller, que, porque non quisera con ela errar/ que o fezera porende tan tost' en un carcer deitar. Quand' o Emperador oyu, ouv' en tal pesar/ que se leixou do palaffren en terra caer [CSM 16:58]*
- (d) *Se ome fazer de grado | pola Virgen algun ben. demonstrar-ll' averá ela | sinaes que lle praz en [CSM LVIII:15]*
- (e) *Quando foron ambos a hũa parte, fillou-s' a chorar/ o irmão do Emperador e muito xe lle queixar/ de sa moller, que, porque non quisera con ela errar/ que o fezera porende tan tost' en un carcer deitar. Quand' o Emperador oyu, ouv' en tal pesar/ que se leixou do palaffren en terra caer [CSM 16:58]*

Um caso extremo, indicador de quanto o conjunto duplicado se gramaticalizara, ocorre quando *ende* duplica a si mesmo, na forma preposicionada:

(24) Porende ... ende

E porend' un ome bõo | que en Darouca morava, / de sa moller, que avia | bõa e que muit' amava, / non podia aver fillos, | e porende se queixava / muito end' el; mas disse-ll' ela: "Eu vos porei en carreira / [...] // Com' aamos algun fillo, | ca se non, eu morreria. / [CSM1 125:9]

Casos semelhantes a (24) são bastante estudados na literatura sobre gramaticalização. Alguns exemplos: (1) *Ir* torna-se auxiliar dele mesmo quando seu sentido de verbo de movimento, como verbo pleno, apaga-se da memória dos falantes: *Vou ir logo depois de você*. (2) Formas duplamente preposicionadas, como *des* (< *de* + *ex*), voltam a preposicionar-se, dando origem ao moderno *desde*, o mesmo tendo ocorrido com *comigo*.

4.1 Redobramento do locativo, topicalização do termo Y e constituição de *en* como articulador discursivo

O movimento de SP para a posição de tópico mencionado no item 2 produziu um efeito interessante nesta fase do PM: ocupando uma posição inicial no enunciado, ele passou a desempenhar o papel de articulador discursivo. E como já era um fórico, tanto esta propriedade semântica, quanto sua localização sintática, fruto de um movimento "para fora da oração", foram preenchendo os re-

quisitos dos articuladores discursivos, tais como descritos pelos autores que citei na Introdução.

O articulador discursivo apresenta nas *Cantigas de Santa Maria* as seguintes características: (i) aparece logo no início da poesia, retomando um refrão que aparece antes da poesia começar; (ii) se localiza no início da sentença; (iii) pode vir sozinho ou acompanhado de um SP introduzido pela preposição *de*; (iv) tem o sentido de “sobre isto que está dito acima”, “pela razão acima dita”, “disto que foi dito acima”; e (v) pode vir correlacionado com outro *porende*, que aparece no final da poesia, como uma espécie de conclusão.

Para melhor entender o funcionamento desse articulador, convém recordar que as poesias das *Cantigas de Santa Maria* apresentam pelo menos quatro partes: (i) começam com um refrão ou refrão e mais um comentário aumentando esse refrão; (ii) depois vem a proposta para explicar o refrão; (iii) em seguida vem a história; e (iv) por último vem a conclusão. Como exemplo, transcrevo aqui a cantiga 199, do volume 2:

(25) Cantiga 199

Parte 1

Como é o mund'avondado | de maes e d'ocajões, / assi é Santa Maria | de graças e de perdões.

Ca sse Deus soffr'ao demo | que polos nossos pecados / nos dé coitas e doores | e traballos e coitados, / logo quer que por sa Madre | sejan todos perdoados / por creenças, por jajũus, | por rogos, por orações. / Com' é o mund' avondado | de maes e d'ocajões...

Parte 2

Poren direi un miragre | que fez por un peliteiro / que morava na fronteira | en un castelo guerreiro / que Burgos éste chamado, | e demais está fronteiro / de Xerez de Badallouce, | u soen andar ladrões. / Com' é o mund' avondado | de maes e d'ocajões...

Parte 3

*E en aqueste castelo | o peliteiro morava, / que da Madre de Deus santa
| nunca as festas guardava, / e pola festa de Março, | u el sas peles lavrava,
/ e do mal que ll'ende avêo, | por Deus, oyde, varões: / Com'é o mund'
avondado | de maes e d'ocajões...*

*Ca u meteu a agulla | na boqu'e enderençando / as peles pera lavra-las, |
non catou al senon quando / a trociu, e na garganta | se lle foi
atravessando; / ca os que o demo serven | as del taes galardões. / Com'é
o mund' avondado | de maes e d'ocajões...*

*E daquesta guisa seve | muitos dias que deita-la / per nulla ren non podia
| nen outrossi traspassa-la; / demais inchou-ll'a garganta, | assi que perdeu
a fala, / e tornou-ll'o rosto negro | muito mais que os carvões. / Com'é o
mund' avondado | de maes e d'ocajões...*

*E pois el parou [y] mentes | e viu que assi morria, / e fisica que fizesse |
nulla prol non lle fazia, / mandou-sse levar tan toste | dereit'a Santa Maria
/ de Terena, prometendo- | lle sas offertas e dões. / Com'é o mund'
avondado | de maes e d'ocajões...*

*E quando foi na eigreja, | ant'o altar o deitaron / e log'a Santa Maria |
muito por ele rogaron; / e el chorand' e gemendo | dormeceu, e non
cataron / senon quando ll'a agulla | sayu sen grandes mixões / Com'é o
mund' avondado | de maes e d'ocajões...*

*Que fizesse por saca-la; | ca u jazia dormindo, / a Virgen mui groriosa |
lla fez deitar, e tossindo, / envolta en hũa peça | de carn'.*

Parte 4

*E esto oyndo / as gentes que y estavam | deron grandes bẽeições / Com'é
o mund' avondado | de maes e d'ocajões...*

*Aa bẽeita Reynna, | que en ceo e en terra / acorre aos coitados | e perdõa
a quen ll' erra, / e pera aver mercee | nunca a ssa porta serra, / e que os
guarda do dem'e | de sas maas tentações. / Com'é o mund' avondado |
de maes e d'ocajões...*

A seguir, apresento alguns exemplos de *poren* como articulador discursivo:

(26)

- (a) *Quen algũa cousa quiser pedir / a Deus por Santa Maria, / se de seus pecados se repentir, / ave-lo-á todavia. / Poren vos quero contar sen mentir / Quen algũa cousa quiser pedir / como Santa Maria quis oyr / Quen algũa cousa quiser pedir / un poblo, que se lle foi offerir / por chuva que lle pedia. / Quen algũa cousa quiser pedir ... [CSM2 118:5-15]*
- (b) *Macar ome per folia / aginna caer / pod'en pecado, / ben de Santa Maria / non dev'a seer / desasperado. / Poren direi todavia / com'en hũa abadia / un tesoureiro avia, / monge que trager / con mal recado / a ssa fazenda sabia, / por a Deus perder, / o malfadado. / Macar ome per folia ... [CSM1 34:5-19]*

Como já afirmei, o uso discursivo do locativo foi, portanto, licenciado pelo fato de seu redobramento. Isto é, podendo ocorrer *porem* acompanhado de um SP, numa espécie de correlação intrasentencial, abriu-se caminho a *porem* articulador discursivo, numa construção muito própria das *Cantigas de Santa Maria*. Em outros documentos da mesma fase do português, esse articulador foi substituído pelo SP que o duplicava, dando lugar ao surgimento de outros articuladores tais como *logo*, *então*, etc. Para se ter uma idéia do peso dessas quatro situações foi feita a seguinte tabela:

Tabela 4.

<i>Porem ... SP</i>		<i>Porem ... 0</i>		<i>0 ... SP</i>		Total	
Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%
8	4	23	12	157	84	188	75

A Tabela 4 mostra a clara vitória de SP sobre o locativo. Para chegar a esse ponto, é evidente que o SP figurou inicialmente como um redobrador de *porem*, o que é mostrado na Tabela 5:

Tabela 5.

<i>Porem...SP / porende...0 / 0...SP</i>		Outros		Total geral	
Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%
188	75	62	25	250	100

Passo a exemplificar as ocorrências esquematizadas acima.

(27) Ende ... SP / poren ... SP: estruturas duplicadas

- (a) Ora verey o que farás / ou se deste meu mal te dol, / ca ben sei o que poder end' ás / de o fazer. [CSM2 129:3]
- (b) Gran piadad' e mercee e nobreza, / daquestas tres á na Virgen assaz, / tan muit' en, que maldade nen crueza / nen descousimento nunca lle praz // [CSM2 11:6]
- (c) [...]; cousa foi viuda / [...] // Per toda aquela terra, que os que a viran / andar tolleita das mãos e pedir oyran / deron graças aa Virgen, a que sempr' ajuda / aos coitados, ca desto muit' end' é tẽuda. / [...] // [CSM2 51:17]
- (d) A moller de sonnar esto | ouv' ende mui gran sabor, / e pois espertou fez logo | como ll' a bõa Sennor / mandara, e pos-ll' o pee | en seu logar; [CSM2 76:1]

(28) Porem correlacionado com um SP, como articulador discursivo

- (a) Fol é a desmesura / quen dulta que tornada / a Ostia sagrada / non é en carne pura. // Mas, como cuidar deve | null' ome que non possa / a Ostia ser carne, | pois que Deus quis a nossa / prender e seer ome | e resurgir da fossa, / por seu poder tod' esto | que [é] sobre natura? / [...] // E porende vos quero | desta razon un preito / contar que ey oydo | mui pouc' á e retreyto; / e creo que terredes | [por estrann' end' o feito] / primeyr' e pois encima | por fremos' aventura. / [...] // [CSM2 134:15]
- (b) Como a demais da gente | quer gãar per fa[l]ssidade, / assi quer Santa Maria | gãar per sa santidade. // Ca se Deus deu aas gentes | jogos pera alegria / averen, todo o tornan | elas en tafuraria, / e daquesta guisa queren | gãar; mais Santa Maria / non lle praz de tal gaança, | mais da que é con verdade. / [...] // E poren contar-vos quero | miragre que ey oydo / desta razon, que a Virgen fez, Madre do Rey conprido, / que por nos guardar d' inferno | foi na cruz mort' e ferido. / E poren, se Deus vos valla, | amigos, ben m' ascoitade: / [...] // [CSM2 286:12]
- (c) Assi como Jesu-Cristo, | estand' ena cruz, salvou / un ladron, assi sa Madre | outro de morte livrou. // E porend' un gran miragre | vos direi desta razon, / que feze Santa Maria, | dun mui malfeitor ladron / que Elbo por nom' avia; | mas sempr' en ssa oraçon / a ela s' acomendava, | e aquilo lle prestou. / [...] / [CSM1 39:7]
- (d) Como pod' a Groriosa | mui ben enfermos sãar, / assi aos que non saben | pode todo saber dar. // E de tal ja end' avẽo | un miragre que dizer- / vos quer' ora, que a Virgen | quis grand' en Seixon fazer, / dun menço pegureiro, | a

que os pees arder / começaram daquel fogo | que salvaj' ouço chamar. / [...] //
[CSM1 151:7]

(29) *Poren / porende ...* (SP = ?)

- (a) *Macar ome per folia / aginna caer / pod' en pecado, / do ben de Santa Maria / non dev' a seer / desasperado. // Poren direi todavia / com' en hũa abadía / un tesoureiro avia, / monge que trager / con mal recado / a ssa fazenda sabia, / por a Deus perder, / o malfadado. / [...] //* [CSM1 34:11]
- (b) *A Madre do que livrou / dos leões Daniel, / essa do fogo guardou / un menço d' Irrael. // En Beorges un judeu / ouve que fazer sabia / vidro, e un fillo seu / - ca el en mais non avia, / per quant' end' aprendi eu - / ontr' os crischãos liya / na escol'; e era greu a seu padre Samuel. / [...] //* *O menço o mellor / leeu que leer podia / e d' aprender gran sabor / ouve de quanto oya; / e por esto tal amor / con esses moços collia, / con que era leedor, / que ya en seu tropel. / [...] //* *Poren vos quero contar / o que ll' avẽo un dia / de Pascoa, que foi entrar / na eygreja, u viia / o abad' ant' o altar, / e aos moços dand' ya / ostias de comungar / e vỹ' en un calez bel. / [...] //* [CSM1 11:27]
- (c) *Com' é o mund' avondado | de maes e d' ocações, / assi é Santa Maria | de graças e de perdões. // Ca sse Deus soffr' ao demo | que polos nossos pecados / nos dé coitas e doores | e traballos e coidados, / logo quer que por sa Madre | sejam todos perdoados / por creenças, por jaiũus, | por rogos, por orações. / [...] //* *Poren direi un miragre | que fez por un peliteiro / que morava na fronteira | en un castelo guerreiro / que Burgos éste chamado, | e demais está fronteiro / de Xerez de Badallouce, | u soen andar ladrões. / [...] //* [CSM2 252:14]

4.2 *En* como introdutor de tópico

Um novo papel discursivo foi assumido por *poren/porende* quando eles introduzem um novo tópico no corpo da composição, ao mesmo tempo em que articulam os novos enunciados ao enunciado anterior:

(30) Articulador discursivo / introdutor de tópico

- (a) *Miragres fremosos / faz por nos Santa Maria, / e maravillosos. // Fremosos miragres faz que en Deus creamos, / e maravillosos, porque o mais temamos;*

/ porend' [= "porisso"] un daquestes é ben que vos digamos, / dos mais piadosos. / [...] // Est' avêo na terra que chaman Berria, / dun ome coyado a que o pe ardia, / e na ssa eigreja ant' o altar jazia / ent' outros coitosos. / [...] // [CSM1 109:10]

(b) Porque é Santa Maria | leal e mui verdadeira, / poren muito ll' avorrece | da paravla mentireira. // E porend' [= "a propósito disto"] un ome bõo | que en Darouca morava, / de ssa moller, que avia | bõa e que muit' amava, / non podia aver fillos, | e porende [= "porisso"] se queixava / muit' end' el; mas disse-ll' ela: | "Eu vos porrei en carreira / [...] // Com^h ajamos algun fillo, | ca se non, eu morreria. / [CSM1 125:7]

(c) A creer devemos que todo pecado / Deus pola sa Madr' averá perdõado. / Porend' [= "porisso"] un miragre vos direi mui grande / que Santa Maria fez; e la mande / que mostra-lo possa per mi e non ande / demandand' a outre que me dé recado. / [...] // Poren direi com' un clerig' aldeão, / de mui santa vida e mui bon crischão, / ouv' un seu feegres sobervio e loução, / que nunca queria fazer seu mandado. / [...] // [CSM1 186:7]

A função de introdutor de tópico, documentada nos exemplos acima, desencadeou um processo de substituição de *porende* por outras classes, que com ele compartilhavam propriedades semânticas comuns. O conjunto de exemplos (31) a (34) mostram essas classes de substituição.

(31) *Poren* substituído por *desto* / *daquesto* e outras formas preposicionadas

(a) Desto contarei de grado / un gran miragre aprovado / que fez por un ordũado / crerig'a dos santos Fror [CSM2 102: 101]

(b) Quenas coitas deste mundo ben quiser soffrer, / Santa Maria deve sempr' ante si põer. // E desto vos quer' eu ora contar, segund' a letra diz, / un mui gran miragre que fazer quis pola Enperadriz / de Roma, segund' eu contar oý, per nome Beatriz, / Santa Maria, a Madre de Deus, ond' este cantar fiz, / que a guardou do mundo, que lle foi mal joyz, / e do demo que, por tentar, a cuydou vencer. / [...] // [CSM1 15:7]

(c) Gran sandece faz quen se por mal filla / cona que de Deus é Madre e Filla. / Desto vos direi un miragre fremoso, / que mostrou a Madre do Rei grorioso / contra un ric-ome fol e sobervioso, / e contar-vos-ei end' a gran maravilla. / [...] // [CSM1 58:7]

- (d) *Muitas vegadas o dem' enganados / ten os omes, porque lle[s] faz creer / muitas sandeces; e taes pecados / desfaz a Virgen por seu gran saber. // E desto contado / vos será per mi / miragr' e mostrado / quant' end' aprendi, / fremos' aficado, / e ben ascuitado será, per meu grado, / e dev' a seer, / que o muit' onrrado / Deus, e acabado / pola de que nado / foi, quis fazer. / [...]*
// [CSM2 229:9]
- (e) *Quen dona fremosa e bõa quiser amar, / am' a Groriosa e non poderá errar. // E desta razõ vos quer' eu agora dizer / fremoso miragre, que foi en França fazer / a Madre de Deus, que non quisõ leixar perder / un namorado que ss' ouver' a desasperar. / [...]*
// [CSM1 49:7]

Enriquecendo-se o número de preposições que tomavam *esto* / *aquesto* como complementos, vários sentidos foram sendo representados, permitindo sua substituição por outras classes. Essa situação foi alterada ainda mais quando expressões de tempo e modo passaram a co-ocorrer: ver (32), (33), (34).

(32) *Porem* substituído por *daquesto/desto* acompanhados de expressões de tempo

- (a) *[...] Pois que Deus quis da Virgen fillo / seer por nos pecadores salvar, / poren[de] non me maravillo / se lle pesa de quen lle faz pesar. // Ca ela e sseu Fillo son juntados / d' amor, que partidos per ren nunca poder seer; / e poren son mui neicios provador / os que contra ela vas, non cuidad' y el tanger. / Esto fazem os malfadados / que est' amor non queren entender / como Madr' 'Fill' acordados / son en fazer ben e mal castigar. / [...]*
// Daquest' avẽo, tempos sson passados / grandes, que o Conde de Peiteus quis batall' aver / con Rey de Franç'; e foron assũados / en Castro Radolfo, per com' eu oý retraer, / un mõeiteiro d' ordĩados / monges qu' el Conde mandou desfazer / porque os ouv' el sospeytados / que a franceses o querian dar. //
[CSM1 111:19]
- (b) *Con seu ben / sempre ven / en ajuda / connoçuda / de nos Santa Maria. // Con ajuda nos vene / e con ssa amparança / contra o que nos tene / no mund' en gran balança / por toller-nos o bene / da mui nobre speranza; / mas vengança / filla a Groriosa / poderosa / del, e sempre nos guia. / [...]*
// Desto no tempo d' ante / achamos que fezera / a do mui bon talante / gran maravilla fera / dũa moller andante / mal que seu fillo dera / e posera, / porque fora pecare, / de o dare / ao dem' / en baylia. / [...]
// [CSM2 38:22]
- (c) *Quen quer que ten en desden / a Santa Maria, / gran mal lle verrá poren. //*

Daquest' avẽo assi, / temp' á, en Gasconna, / que hũa dona ouv' y / de pouca vergonna, / que sol non tũa en ren / d' ir en romaria, / atant' era de mal sen, / [...] // A Rocamador, que d' y / mui preto estava. / [CSM2 142:9]

- (d) *Muito á Santa Maria, | Madre de Deus. Gran sabor / d' ajudar quen lle cantares | ou prosas faz de loor. // Daquest' ora un miragre | oý, pouc' á, retraer / que a un arcidiago | avẽo, que gran prazer / avia en fazer prosas | de ssa loor e dizer / sa bondad' e ssa mesura | e seu prez e ssa valor. / [...]* // [CSM2 259:9].
- (e) *A Virgen Santa Maria / todos a loar devemos, / cantand' e con alegria, / quantos seu ben atendemos. // E por aquest' un miragre | vos direi, de que sabor / averedes poy-l' oirdes, | que fez en Rocamador / a Virgen Santa Maria, | Madre de Nostro-Sennor; / ora oyd' o miragre, | e nos, contar-volo-emos. / [...]* // [CSM1 26:9]
- (f) *Non é gran cousa se sabe | bon joyzo dar / a Madre do que o mundo | tod' á de joigar. // Mui gran razon é que sábia dereito / quen Deus troux' en seu corp' e de seu peito / mamentou, e del despeito / nunca foi fillar; / poren de sen me sospeito / que a quis avondar. / [...]* // *Sobr' esto*, se m' oissedes, diria / dun joyzo que deu Santa Maria / por un que cad' ano ya, / com' oý contar, / a San Jam' en romaria, / porque se foi matar. / [...] // [CSM1 76:15]
- (g) *Oraçon con piadade | oe a Virgen de grado, / e guard' á de mal por ela | o que ll' encomendado. // Ca aquestas duas cousas | fazem mui conpridamente / gaannar amor e graça | dela, se devotamente / se fazem e como deven; | e assi abertamente / parece a ssa vertude | sobre tod' ome coitado. / [...]* // *E sobr' aquest' un miragre | vos rogo que m[e] ouçades / que fezo Santa Maria; | e se y mentes parades, / oiredes maravilla | mui grand', e certos sejades / que per oraçon mostrada | foi ante muit' om' onrrado. / [...]* // [CSM2 265:14]

4.3 Outros articuladores discursivos motivados por *en*

Construindo-se juntamente com expressões de tempo, conforme comprovado nos exemplos acima, *poren* > *desto* / *daquesto* abriram lugar a novas substituições, aparecendo agora como articuladores discursivos palavras tais como *pois*, *então*, *agora*:

(33) Expressões de tempo como articuladores discursivos

- (a) *Quen polo amor de Santa | Maria do seu fazer / algun ben, dar-vo-ll-á ela | que dé, se o non tener. // Por esto dev' ome sempre | a servir e a guardar / a Virgen Santa Maria | e no seu ben confiar; / ca vos direi un miragre | que quis pouqu' i á mostrar / a hũa sua amiga | que era santa moller. / [...]* // [CSM2 261:9]

- (b) *Quen ouver na Groriosa | fiança con fe complida, / non lle nozirá poçoña, | e dar-ll-á por sempre vida. // Ca ela troux' en seu ventre | vida e luz verdadeira, / per que os que son errados | saca de maa carreira; / demais, contra o diabo | ten ela por nos fronteira / como nos nozir non possa | en esta vida escarnida. / [...] // Pois dizer-vos quer' eu dela | un miragre mui fremoso, / e ben creo que vos seja | d' oí-lo mui saboroso, / e demais pera as almas | seer-voa-á proveitoso; / e per mi, quant' ei apreso, | non será cousa falida. / [...] // [CSM2 305:13]*

(34) Articuladores discursivos formados por expressões de modo

- (a) *Todo logar mui ben pode | seer deffendudo / o que a Santa Maria | á por seu escudo. // Onde [= "por causa de"] daquela razon / un miragre vos quero / contar mui de coração, / que fez mui grand' e fero / a Virgen que non á par, / que non quis que perdudo / foss' o poboo que guardar / avia, nen vençudo. / [...] // [CSM1 83:7]*
- (b) *A Santa Maria mui bon servir faz, / pois o poder ela do demo desfaz. // Ond' avêo desto que en Conturbel / fez Santa Maria miragre mui bel / por un monge bõo, cast' e mui fiel, / que viu de diabres viir mui grand' az. / [...] // [CSM1 238:8]*
- (c) *Torto seria grand' e desmesura / de prender mal da Virgen ssa figura. // Ond' avêo en San Miguel de Tomba, / un mõeiteiro que jaz sobre lomba / dñã gran pena, que ja quant' é comba, / en que corisco feriu noit' escura. / [...] // [CSM1 115:7]*
- (d) *A Virgen Santa Maria | tant' é de gran piedade, / que os peccador colle | por feito a voontade. // E desta guisa avêo | pouc' á a un cavaleiro / fidalg' e rico sobejo, | mas era brav' e terreiro, / sobervios' e mal creente, | que sol por Deus un dñeiro / non dava, nen polos Santos, | esto sabed' en verdade. / [...] // [CSM1 130:8]*
- (e) *De muitas maneiras busca | a Virgen esperital / carreyras en como guarde | os seus de mort' e de mal. // E de tal razon com' esta | en Proença hũa vez / amostrou mui gran miragre | a Sennor de todo pres / contra un seu cavaleiro | que tal promessa lle fez / que lle guerlanda faria | de rosas toda, non d' al. / [...] // [CSM2 58:7]*
- (f) *A Reynna groriosa | tant' é de gran santidade, / que con esto nos defende | do dem' e da sa maldade. // E de tal razon com' esta | un miragre contar quero / que fezo Santa Maria, | aposto e grand' e fero, / que non foi feito tan grande | ben des lo tempo de Nero, / que emperador de Roma | foi, daquela gran çidade. / [...] // [CSM1 198:8]*
- (g) *Ben pod' a Sennor sen par / fazer oyr e falar. // Com' hũa vegada fez / a un mud' a de bon prez / e sordo, que dñã vez / o foi de todo sãar. / [...] // [CSM2 1:6]*

- (h) *De Santa Maria sinal qual xe quer / valrrá muit' a quen en ela ben crever. // Ca que quer que seja daquesta Sennor / valrrá muit' a quen de mal coitada for, / e valer-ll-á contra o demo mayor / ali u sobr' ele gran poder ouver. / [...] // Ben com' en Bitoria guariu hũa vez / a un frade mēor, que de menyez / entrara na orden e y mui bon prez / vivendo gāara. Mas foi-lle mester / [...] // Que o acorresse, como ll' acorreu, / Santa Maria na ora que morreu, / ca un pouc' enante todo se torceu / e parou-sse negro; [CSM2 63:12]*
- (i) *Quen quer que ten en desden / a Santa Maria, / gran mal lle verrá poren. // Daquest' avēo assi, / temp' á, en Gasconna, / que hũa dona ouv' y / de pouca vergonna, / que sol non tya en ren / d' ir en romaria, / atant' era de mal sen, / [...] // A Rocamador, que d' y / mui preto estava. / [CSM2 142:9]*

Nos conjuntos de exemplos acima, quis demonstrar como pequenas alterações na sintaxe de *en* e *hi* tiveram efeitos inesperados, enriquecendo o quadro dos articuladores discursivos. Uma propriedade semântica comum unifica os itens que assumiram esse papel: são dêíticos, e por isso podem cumulativamente indicar o lugar e o tempo do discurso. São fóricos, e por isso podem retomar o que foi dito e anunciar os novos desdobramentos do texto.

A seguir, estudo a gramaticalização de *ende* como conjunção intersentencial. Aparentemente, *hi* havia desaparecido, e não deu surgimento ele mesmo a uma conjunção.

5. ENDE COMO CONJUNÇÃO CONTRAJUNTIVA

Aparentemente, apenas *poren/porende* assumiram o papel de conjunção, ligando uma sentença a outra, criando o sentido de que a segunda sentença nega os pressupostos contidos na primeira.

São condições para este novo papel do velho locativo *ende*: (1) ser preposicionado; (2) aparecer entre dois enunciados sentenciais – e não mais no início, como é o caso do articulador discursivo; e (3) co-ocorrer com *mais/mas*.

Em sua figuração entre duas sentenças, o sentido liberado por *poren* é ambíguo, podendo ser parafraseado por “por isso”, isto é, operando do mesmo modo que o *en* fórico analisado no item 1 deste texto. Vejamos alguns exemplos:

(35) *Poren* fórico / contrajuntivo

- (a) *E, par Deus, non é de calar / como foy coroãda, / quando seu Fillo a levar / quis, des que foy passada / deste mund' e juntada / con el no ceo, par a par, / e Reÿa chamada / Filla, Madr' e Criada; / e poren nos dev' ajudar, / ca x' é noss' avogada. [CSM1 6:19]*
- (b) *Quand' algum ya mal fazer, / se via omagem seer / de Santa Maria, correr / ya lá sen tardança. / [...] // E pois fazia oraçon, / ya comprir seu mal enton; / poren morreu sen confisson, / per sua malandança. / [...] // [CSM1 68:23]*

(36) *Porende* co-ocorrendo com *mas*, contíguo ou distanciado

- (a) *E porend' un ome bõo | que en Darouca morava, / de sa moller, que avia | bõa e que muit' amava, / non podia aver fillos, | e porende se queixava / muito end' el; mas disse-l' ela: "Eu vos porei en carreira / [...] // Com' ajamos algun fillo, | ca se non, eu morreria. / [CSM1 125:9]*
- (b) *Muitos gafos sãou a Emperadriz en aquele mes; / mas de grand' algo que poren lle davan ela ren non pres, / mas andou en muitas romarias, e depois ben a tres / meses entrou na cidade de Roma, u er' o cortes / Emperador, que a chamou e disse-lle: "Ves? / Guari-m' est' irmão, e dar-ch-ei grand' aver." / [...] // [CSM1 19:30]*
- (c) *E o ome bõo sempre le rogava / que sse corregesse e o castigava; / mais aquel vilão poren ren non dava, / assi o tragia o dem' engan[a]do. / [CSM1 186] (as duas conjunções devem estar em sentenças diferentes e não na mesma sentença, como na desse exenplo)*

Nos exemplos acima, entende-se que *poren* retirou de *mas* o sentido contrajuntivo que passou a assumir, por metonímia.

(37) *Porem* co-ocorrendo com *porque*⁹

- (a) *Quando foron ambos a hũa parte, fillou-s' a chorar / o irmão do Emperador e muito xe lle queixar / de sa moller, que, porque non quisera con ela errar, / que o fezera porende tan tost' en un carcer deitar. / [CSM1 16:31]*

⁹ Muitas vezes porque pode ter o sentido de "para que": Santa Maria amar / devemos muit' e rogar / que a ssa graça ponna / sobre nos, por que errar / non nos faça, nen peccar, / o demo sen vergonna. // [CSM1 24:8]

[quando o CP é duplicado, no caso que...que, a sentença com porque está numa posição de tópico)¹⁰

- (b) *Porque* trobar é cousa en que jaz / entendimento, *poren* queno faz / á-o d' aver e de razon assaz, / per que entenda e sábia dizer / o que entend' e de dizer lle praz, / ca ben trobar assi s' á de ffazer. // [CSM1 2:6]
- (c) *Porque* o a Groriosa / achou muy fort' e sen medo / en loar sa preciosa / virgñidad' en Toledo, / deu-lle *porend'* hũa alva, / que nas sas festas vestisse, / a Virgen santa e salva / e, en dando-lla, lle disse: / "Meu Fillo esto ch' envia." [CSM1 8:11]
- (d) Pois do mundo foi partido / este confessor de Cristo, / Don Siagrio falido / foi Arcebispo, poys isto, / que o fillou a seu dano; / ca, *porque* foi atrevudo / en se vestir aquel pano, / [*porende* = 0] foi logo mort' e perdudo, / com' a Virgen dit' avia. [CSM1 8:33]
- (e) pois que a santa doca o fillo do Conde recebeu, / de o criar muit' apost' e mui ben muito sse trameteu;/ mas un irmão que o Cond' avia, mui falss' e sandeu, / Pediu-lle seu amor; e *porque* ela mal llo acolheu, / [*poren* = 0] degolou-ll' o menño hũa noit' e meteu- / ll' o cuitelo na mão pola fazer perder. / [...] // [CSM1 17:32]
- (f) *Poren* dela non me quer' eu partir, / *ca* sei de pran que, se a ben servir, / que non poderei en seu ben falir / de o aver, ca nunca y faliu / quen llo soube con merçee pedir, / ca tal rogo sempr' ela ben oyu. // [CSM1 3:7]
- (g) Per quant' eu dizer oý / a omães que foron y, / na santa Gessemani / foron achadas figuras / da Madre de Deus, assi / que non foron de pinturas. / [...] / Nen ar entalladas non / foron, se Deus me perdon, / e avia y fayçon / da Ssennor das aposturas / con sseu fill', e per razon / feitas ben per sas medidas. / [...] // *Poren* as resprandecer / fez tan muit' e parecer, / *per que* devemos creer / que é Sennor das naturas, / que nas cousas á poder / de fazer craras de scuras. / [...] // Deus x' as quise figurar / en pedra por nos mostrar / que a ssa Madre onrrar / deven todas creaturas, / pois deceu carne fillar en ela sas alturas. / [...] // [CSM1 88:23]
- (h) Gra dereit' é que fill' o demo por escarmento / quen contra Santa Maria filla atrevemento. // *Poren* direi un miragre, que foi gran verdade, / que fez en Costantinoble, na rica cidade, / a Virgen. Madre de Deus, *por* dar entendimento / que quen contra ela vay, palla é contra vento. / [CSM1 100:7]

¹⁰ Dizend' aquesto, a Emperadriz, muit' amiga de Deus, / vyu vñir hũa nave preto de si, chũa de romeus, / de bõa gente, que non avia y mouros nen judeus. / [CSM1 19:10] (que = porque)

CONCLUSÕES

Neste trabalho, estudei a gramaticalização do locativo medieval *ende/en*, mostrando sua origem latina como dêitico locativo, e as alterações sofridas por essa palavra, que foi assumindo novas funções: (i) fórico, em forma simples ou duplicada por SP, como constituinte sentencial, sintaxe que acarretou seu desaparecimento; (ii) fórico, em forma preposicionada, como articulador discursivo, (iii) fórico/contrajuntivo, em forma preposicionada, como conjunção.

Alguns pontos “misteriosos” continuarão a desafiar nosso esforço de entendimento: (1) por que um locativo, portanto dêitico, se transforma num fórico? (2) Ao se preposicionar, *en* teria passado a concorrer com outras formas dêíticas e fóricas da língua? (3) Por que foi necessário preposicionar o clítico *en* para que ele funcionasse como articulador discursivo?

A primeira pergunta pressupõe uma clara separação entre dêíticos e fóricos – e esse ponto não é pacífico na literatura. Um dêitico seria uma sorte de localizador espacial dos indivíduos, seja no espaço físico (*y, aqui, aí, ende*), seja na distribuição dos papéis aos participantes do discurso (primeira pessoa X segunda pessoa), seja por metáfora, no pinçamento de coisas já ditas no espaço do discurso (como em “estive falando *lá naquela seção* sobre a etimologia de *inde*”).

Um fórico seria um retomador ou antecipador de coisas já mencionadas ou a mencionar. Pode ser que ao localizar algo já dito ou a dizer no espaço abstratizado do discurso, uma palavra dêítica enriqueça suas propriedades, atuando simultaneamente como um fórico. A ocorrência transcrita anteriormente “*se foron ende queixa*” mostra uma tênue distância entre dêixis e foricidade, pois tanto podemos parafraseá-la por “foram queixar-se ali”, como por “foram queixar-se disso”. Assim, o trâmite dêixis > foricidade poderia ser encarado como um dos processos de gramaticalização de *ende*, que sendo etimologicamente um locativo, assumiu funções típicas dos pronomes fóricos. Nessa transformação, o sentido mais

concreto de “espaço físico” se tornou mais abstrato, significando “espaço discursivo” Ora, a literatura sobre gramaticalização citada acima oferece muitos exemplos da mudança semântica concreto > abstrato aqui invocada.

O redobramento de *en*, seguido do movimento para a direita de seu “duplo”, é um fenômeno bastante comum no PM, continua ainda hoje altamente freqüente nas línguas românicas ricas em clíticos, e aparentemente se mascarou no Português Contemporâneo. Acredito que a fase zero da gramaticalização de *en*, em que o item desaparece na Língua Portuguesa, tenha sido uma consequência de sua duplicação. Acresce que se poderia enxergar um traço de iconicidade entre as propriedades fóricas dos pronomes e seu pendão para a duplicação. Os fóricos trazem novamente ao nosso espírito o que já se havia mencionado. De uma certa forma, a primeira alusão a determinado referente, seguida de sua retomada pelo fórico, representa uma duplicação no domínio da semântica. Ao reduplicar estruturalmente as expressões, a sintaxe deu uma representação formal à “reduplicação semântica”, por iconicidade.

Poren como articulador discursivo foi um novo passo dado pelo velho locativo *inde*, uma estratégia que voltamos a usar nos dias que correm, quando apanhamos um termo de tempo como *agora*, o movemos para fora da oração e fazemos com que passe a marcar os diferentes tempos do discurso. O velho (= indicar o espaço, indicar o tempo) se junta ao novo (= anunciar e ligar tópicos textuais), sem perdas substanciais de propriedades, apenas enriquecendo-as, com a criatividade própria das línguas naturais.

Finalmente, *porém* como conjunção contrajuntiva pode ter surgido devido a fatos sintáticos e a fatos semânticos.

- Uma explicação sintática
- Perdendo-se um dos elementos do complementizador duplo, se dá lugar a uma grande alteração no comportamento das conjunções: (i) duas conjunções que estavam em sentenças diferentes

passam a ficar juntas e adquirem um outro sentido, diferente do das duas conjunções; (ii) sentenças dependentes, que estavam numa posição de tópico, passam a ser vistas como antecedendo a principal; (iii) duas conjunções que estavam em sentenças diferentes passam a ficar juntas e uma das conjunções desaparece, mas a conjunção remanescente continua com seu sentido original; e (iv) duas conjunções que estavam em sentenças diferentes passam a ficar juntas, uma altera por metonímia o sentido da outra e desaparece, ficando somente a que sofreu alteração semântica.

- Uma explicação semântica

Porém se tornou contrajuntivo por um processo metonímico. Como era freqüentemente usado juntamente com *mas* e *pero*, tomou destes o valor contrajuntivo. Vejamos o comportamento de um de seus parceiros, *pero*.

– *Pero* podia ter vários sentidos: “por isso”, “embora”, “entretanto”

(38) Usos de *pero*

(a) *Este mong' ordúado | era, segund' oý, / muit', e mui ben sa orden | tÑia, com' aprendi; / mas o demo arteiro | o contorvou assy / que o fez na adega | beber do vúo assaz. / [...] // Pero beved' estava | muit', o monge quis s' ir / dereit' aa eigreja; [CSM1 137:24]*

(b) *E en aquel gran lum' enton / viron hõa mui bela / moller de corp' e de faizon, / e ben come donzela / lles pareceu; e pero non / siia en sela, / mas tÑia na mã' un baston / que resprandecia. / [...] // [CSM1 142:32]*

– *Poren(de)* combinava-se com diversas formas; ao combinar-se com *mas* e *pero*, assimilou por metonímia seu valor contrajuntivo:

(39) Usos de *poren(de)*

(a) *Quando foron ambos a hõa parte, filhou-s' a chorar / o irmão do Emperador e muito xe lhe queixar / de sa moller, que, **porque** non quisera con ela*

errar, / que o fezera **porende** tan tost' en un carcer deitar. / Quand' o Emperador oyu, ouv' en tal pesar, / que se leixou do palaffren en terra caer. [CSM1 16:58]

- (b) Est' ome punnou taste de ss' ir / e fez gente da terra vÑir, / que foron o feito descobrir / da verdad' e de quanto mentir / e falir / foran al Rey. E fez-lo escrever / [...] // E enviou-llo. E pois abriu / el Rei aquel escrito e vyu / que ll' end a verdade descobriu, / log' enton todo mui ben sentiu / e cousiu / que falssidade fora[n a]põer / [...] // A aquel om' E logo poren / lle perdõou e fez-lle gran ben, / e os mezcraores en desden / tev' e nunca por eles deu ren, / e des en / nonos ar quis de tal feito creer. [...] // [CMS1 280:22]

Para terminar, gostaria de deixar registradas algumas observações merecedoras de desenvolvimento no futuro.

1. Mudança profunda nos processos dêitico e fórico no período antigo do português. Perda de conteúdo dêitico ou fórico: existência de grande número de formas dêíticas por causa do princípio de duplicação; com a divisão das formas duplicadas (portanto dêíticas) em duas partes, dá surgimento a (i) um tipo de clíticos locativos (formas fracas), que vão ter características de formas fóricas (diga-se que na língua já existia um bom número de formas fóricas) e (ii) um tipo de SP (que muitas vezes perde a preposição) com características de adjunto, que vai ocupar uma posição fora da sentença, ou seja, algumas vezes se localiza depois do fim da sentença (numa posição de antitópico, casos mais ou menos raros), ou outras vezes se localiza no começo da sentença (numa posição de tópico, mais freqüente). Com isso, parece que o processo dêitico no Português ficou extremamente reduzido e o processo fórico teve um aumento muito grande. Nesses casos pode-se, talvez, concluir que alguns tipos de formas fóricas não passam de formas simplificadas de formas dêíticas redobradas. As alterações na representação dos processos dêíticos e fóricos, ainda insuficientemente caracterizadas, vêm sendo propagadas ao longo da primeira e segunda fases do PM e ao longo de

todas as fases posteriores do português, a outros tipos formas pronominais redobradas, o que parece ter dado origem, no PB atual, à construção de tópico do sujeito (*ela, a menina fugiu*). Se isso for verdadeiro, o português, brasileiro, europeu e africano estariam a caminho de se tornar uma língua de tópico.

2. Mudança profunda nos processos de complementação e adjunção no período antigo do Português. Essa mudança atingiu todas as classes gramaticais que podiam selecionar argumento: verbo, nome, adjetivo, advérbio e, talvez, preposição. Uma forma redobrada passou a ser vista como duas formas autônomas: a forma fraca ficou como complemento do verbo e foi se cliticizando a ele, e a forma forte passou para uma posição de adjunção. Todas as formas fortes, num período mais ou menos longo, passaram a ser vistas como adjuntos. Concluindo: (i) o que era a parte fraca de um complemento, numa duplicação, sofreu uma cliticização e desapareceu; (ii) o que era a parte forte de um complemento, numa duplicação, se tornou adjunto e passou a ocupar uma posição fora da sentença; e (iii) o que era adjunto desapareceu.
3. Mudança na regência de uma quantidade significativa de verbos

BIBLIOGRAFIA

- AFONSO X, O SÁBIO ([1920] 1961). *Cantigas de Santa Maria*, editadas por Walter Metmann. Coimbra: Por Ordem da Universidade, 2 v.
- BADIA MARGARIT, A. M. (1947). Los complementos pronominalo-adverbialos derivados de *ibi* e *inde* en la Península Ibérica. *Revista de Filología Española*, Anejo XXXVIII, Madrid.
- BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. (1994). *The Evolution of Grammar*. Chicago: The University of Chicago Press.
- ERNOUT, Alfred; MEILLET, Antoine (1967). *Dictionnaire étymologique de la langue latine. Histoire des mots*. 4.ed. Paris: Librairie Klincksieck.
- FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore Grunfeld Vilaça (1983). *Linguística textual: introdução*. São Paulo: Cortez.
- _____. (1986). O operador *embora*: uma hipótese argumentativa. *Revista das Faculdades Integradas de Uberaba*, p. 58-65.

- HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrich; HÜNNEMEYER, Friedrich (1991). *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press.
- HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth C. (1993). *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HUALDE, J. I. (1992). *Catalan*. London: Routledge.
- JENSEN, F. (1986). *The syntax of medieval occitan*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- ____ (1990). *Old french and comparative Gallo-Romance syntax*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- ____ (1994). *Syntaxe de l'ancien occitan*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Vilaça (1987). *Dificuldades na leitura / produção de textos: os conectores interfrásticos*, inédito.
- ____ (1989a). *A coesão textual*. São Paulo: Contexto.
- ____ (1989b). *Mas era primavera*, inédito.
- ____ (1990). *Reflexões sobre a repetição*. Belo Horizonte, Seminário do GT de Análise da Conversação da ANPOLL, inédito.
- ____ (1992). *A repetição como um mecanismo estruturador do texto falado*. Campinas: Unicamp, inédito.
- MACHADO, José Pedro (1952). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Confluência.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio (1992). *A repetição na língua falada. Formas e funções*. Recife: UFPe (Tese de Concurso para Professor Titular).
- MORAES DE CASTILHO, Célia Maria. Seria quatrocentista a base europeia do português brasileiro? In: MATTOS E SILVA, R. V. (Org.) (1998/2001). *Para a História do Português Brasileiro*. São Paulo: Humanitas, v. II, t. 1, p. 57-90.
- ____ (2000). *Redobramento de clíticos no português medieval* (ms. inédito).
- ____ *O redobramento sintático no português medieval. As perífrases de estar + gerúndio e infinitivo preposicionado*. Tese (Doutorado), em andamento.
- RISSE, Mercedes Sanfelice. "Agora... o que eu acho é o seguinte": um aspecto da articulação do discurso no português falado. In: CASTILHO, A. T. de (Org.) (1993). *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da Unicamp / Fapesp, v. III, p. 31-60.
- ____. O articulador discursivo "então" In: CASTILHO, A. T. de; BASÍLIO, M. (Org.) (1996). *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da Unicamp / Fapesp, v. IV.
- ____; SILVA, Giselle Machline de Oliveira; URBANO, Hudinilson. Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, I. G. V. (Org.) (1996). *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da Unicamp / Fapesp, v. VI, p. 423-52.
- SOARES BARBOSA, Jerônimo ([1803] 1881). *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*. 7.ed. Lisboa: Typografia da Academia Real das Sciencias.

ABSTRACT: This article is part of a broader investigation on the consequences of syntactic doubling in the Grammar of Medieval Portuguese. In the first part I deal with several types of

CASTILHO, Célia Maria Moraes de. Locativos, fônicos, articuladores discursivos e conjunções no português medieval. Gramaticalização de *ende/en* e de *porende/porém*.

syntactic doubling: doubling and repetition , doubling and topicalization, doubled Personal, Possessive, Demonstrative, Locative and Temporal pronouns, doubled Quantifiers and Complementizers. Following I study the consequences of doubling in the grammaticalization of Latin *inde* > Medieval Portuguese *ende*, a lexical item which operated in the early documents as a sentence constituent, a discursive nexus, a topic introducer and finally, in the period of Contemporary Portuguese, as the contrajunctive conjunction *porém*.

Keywords: Portuguese Historical Linguistics, Medieval Portuguese, Syntactic doubling, Grammaticalization, Arguments and Adjuncts, Discursive nexus, Topic introducer. Contrajunctive conjunction.